

LUCIANA FERREIRA

DESCÁBITAS



EDITORIA
IFMG

LUCIANA FERREIRA

DESCÁPITAS

• EDITORA
IFMG

BELO HORIZONTE

2025

Reitor Rafael Bastos Teixeira
Pró-Reitora de Inovação, Pesquisa e Pós-Graduação Gislayne Elisana Gonçalves

Editor Alexandre Delfino Xavier
Revisão textual e normalização Andrelize Schabo Ferreira de Assis
Projeto gráfico e diagramação Henrique Cantilho da Silva, Érika Mendes Tonetti de Almeida
Revisão final Alexandre Delfino Xavier
Linha editorial Artístico-literária

Conselho Editorial Alexandre Delfino Xavier, Giulliano Gloria de Sousa, Gracielle Paixão Santos Dias, Héliida Márcia Hoffmann Fóscolo, Hygor Aristides Victor Rossoni, Jacqueline Cardoso Ferreira, Júlia Alves Rodrigues Carvalhal, Luciano Vilas Boas Espiridião, Maria Carolina Botrel, Marie Luce Tavares, Niltom Vieira Junior, Rejane Valéria Santos, Rodrigo de Oliveira Gomes, Ronan Daré Tocafundo, Rosangela Marques de Souza, Sara Gonçalves Rabelo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

F383d Ferreira, Luciana.
Descápitais [recurso eletrônico] / Luciana Ferreira. – Belo Horizonte : Ed. IFMG, 2025.
54 p.
E-book, no formato PDF.
ISBN 978-65-85821-10-0
1. Literatura brasileira. 2. Crônica brasileira. I. Título.

CDU 821(81)-9

Ficha catalográfica elaborada por: Rosângela Marques de Souza
Bibliotecária - CRB-6/2126

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional



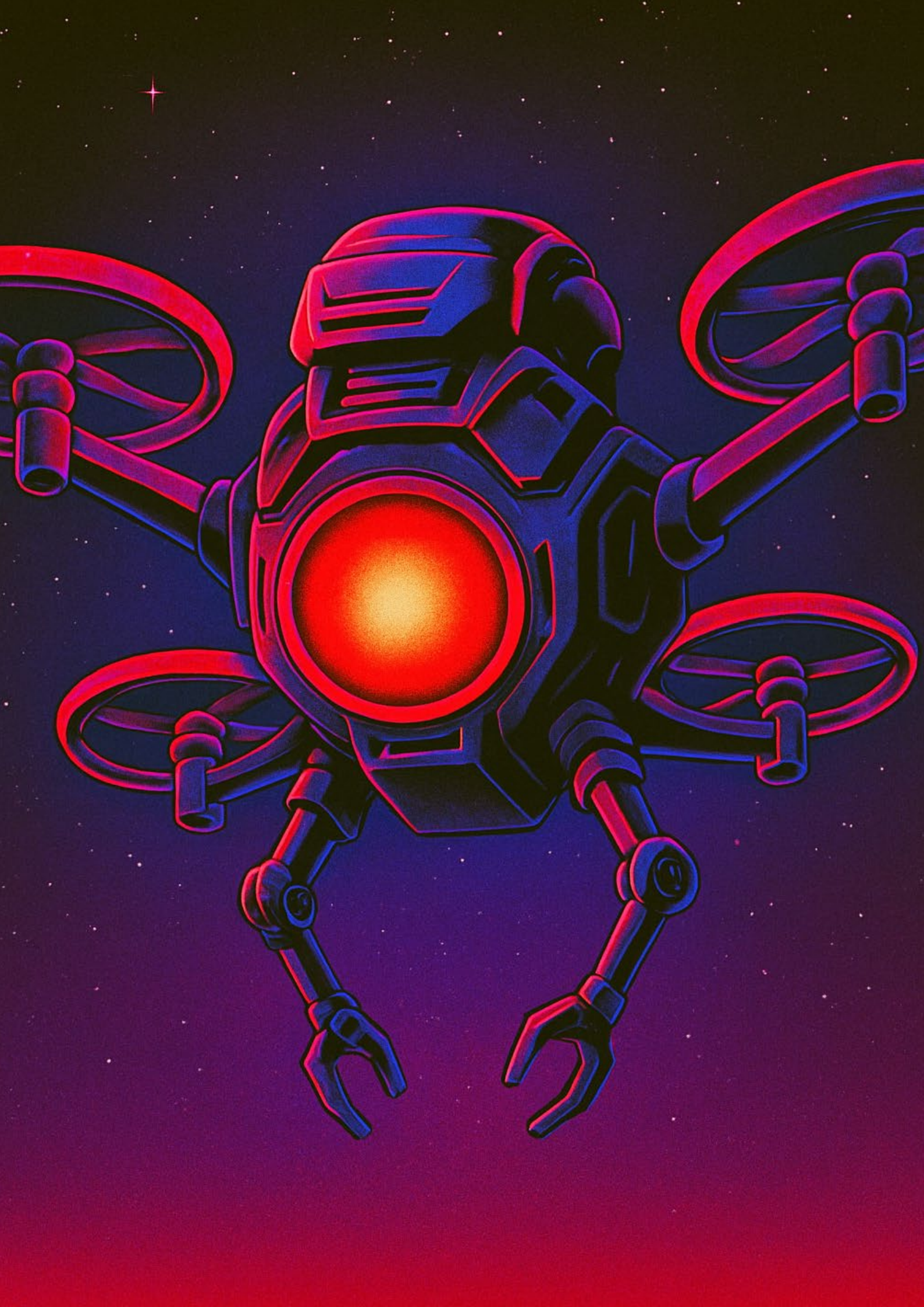
Editora IFMG
Avenida Professor Mário Werneck, 2590, Buritis
30575-180 Belo Horizonte - MG
(31) 2513-5100
editora@ifmg.edu.br
www.ifmg.edu.br



DEDICATÓRIA

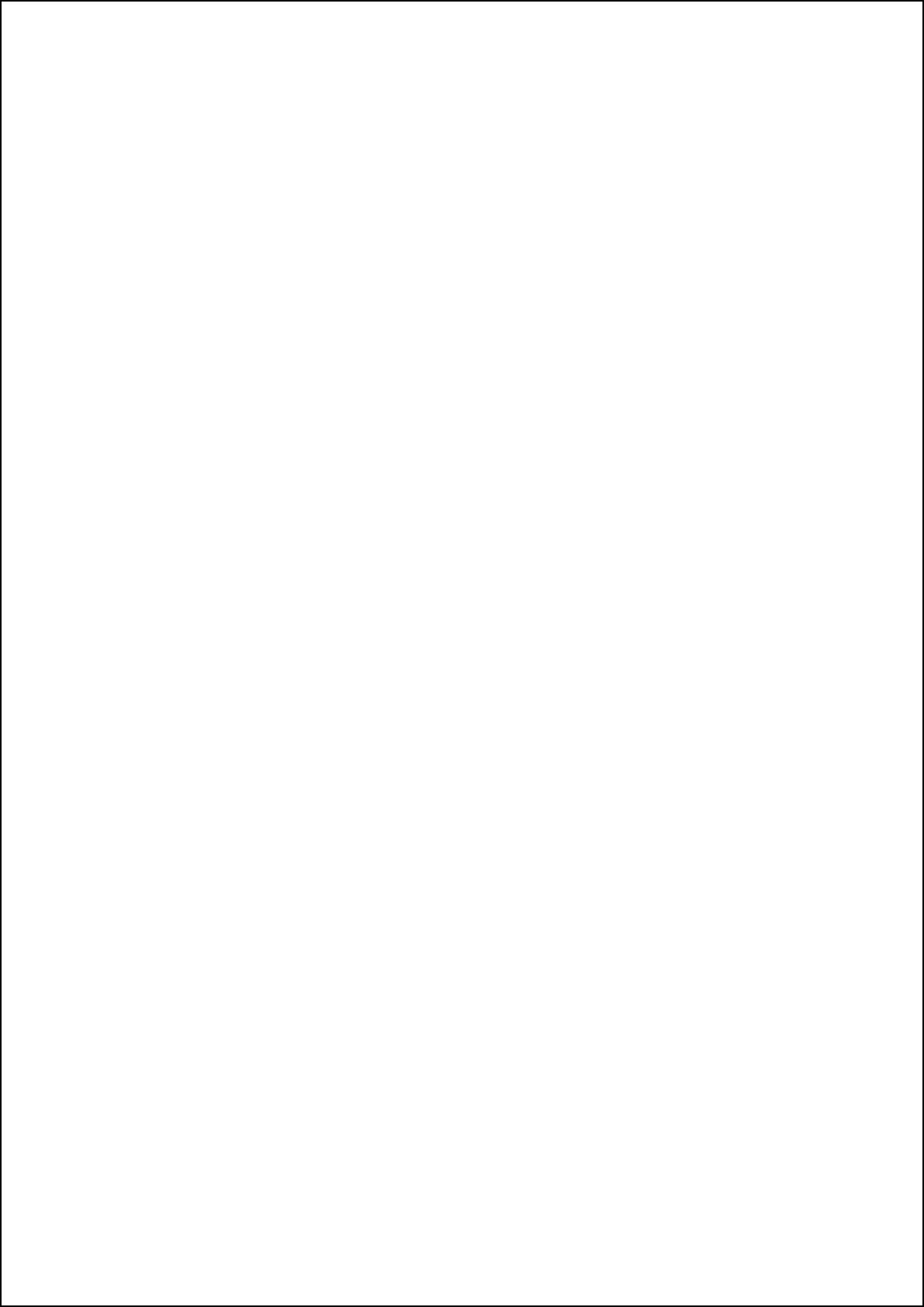
**Este livro é dedicado àqueles
que ainda não desistiram.**





SUMÁRIO

MILICAS	11
Os ILÚMINAS	20
A DECADÊNCIA	27
A TAL “REVOLUÇÃO”	31
MERCURY	35
PÉRICLES	40
Os SOBERANOS	43
A ARTICULAÇÃO	45
A GRANDE NOITE	49



MILICAS

O carro parou de balançar, mas Amara não conseguia ver nada do lado de fora; os Descápitais (como eram chamados os poucos sobreviventes da porcentagem miserável de seres humanos que resistiram ao massacre causado pelo que a outra porcentagem considerou como “A Revolução final”), não tinham o direito de conhecer os caminhos que os separavam dos Ilúminas. Amara era uma moça cuja beleza do sorriso quase ofuscava a magnitude de sua preciosa mente, mas não queria sorrir, nunca mais. Ela sabia que quando os Milicas raptavam alguém de sua comunidade, era como se aquele indivíduo deixasse de existir, reexistindo ou não fora dali.

Os Milicas foram construídos pelos Ilúminas para fazerem o seu trabalho repugnante e indispensável, assim como foram todas as outras máquinas que ajudaram a extinguir os empregos, transformando todo o mundo e as relações entre os seres humanos, talvez, para sempre.

Amara tinha apenas dezenove anos, vivia com o seu avô, um rapaz que ousou ser médico mesmo sendo preto; os pais da moça tinham sido assassinados pela tal Revolução quando a menina ainda era apenas um bebê, acontecimento que mudou tudo drasticamente. Ela, Amara, só conhecia aquele mundo pós “revolução”. Embora nunca tenha vivido em um planeta em que as pessoas ainda acreditassem que poderiam ascender socialmente através de muitos esforços, ela sabia como a vida era em outros tempos. Naqueles tempos, o avô cuidou muito bem (mesmo que em condições precárias) da família e da dignidade que lhe haviam restado. Trabalhou muito para que a consciência que tinha construído não morresse com ele.

As ruas pareciam perfeitas agora, nenhum buraco, alteração ou curva brusca. Amara estava sentada em um dos bancos do carro fechado, nada se via dali para fora, nem de fora para ali. Seus olhos estavam vermelhos, a viagem teria demorado umas cinco horas, tinha dores pelo corpo e dores pela alma — essas eram as piores. A moça sentia muito medo do que poderia acontecer, pois todos contavam muitas histórias sobre a Cidade Alta dos Ilúminas e sobre o que eles faziam com as pessoas da Cidade Baixa, os Descápitais. Ela correu

Milicas

desesperadamente quando avistou aqueles demônios, mas foi impossível se esconder daqueles drones com braços de polvo. Não existia maneira de escapar dos Milicas: eles sempre encontravam e alcançavam tudo o que quisessem. Eram os diabos comandados pelos desejos dos que dominaram o mundo. Os Milicas tinham cor “ciano”, diziam (seus criadores), que era para transmitir calma e paz para a população que eles deveriam vigiar e punir.

As lágrimas já haviam secado no rosto preto reluzente de Amara, que se cansou da lamentação. Tinha que esperar, conhecer, entender e lutar.

O carro pareceu subir uma rampa e foi diminuindo sua velocidade. O coração de Amara disparou; sabia que sua hora estava chegando — a hora de descobrir coisas, talvez, terríveis. A porta do carro se abriu. Amara não teve nem tempo de pensar: os Milicas envolveram seus braços azul-ciano, em forma de tentáculos, pelo seu corpo e a levaram para perto da enorme casa que a aguardava. A casa tinha características modernas e antigas, havia uma fachada enorme construída com portas de vidro que refletiam o que se quisesse nelas, eram telas que passavam filmes, trocavam de cor, transformavam-se em vidro transparente, preto ou no que imaginássemos. Ao se aproximarem da casa, voando desajeitadamente, os vidros se abriram automaticamente reconhecendo os Milicas a serviço. Tudo o que existia na Cidade Alta era controlado por meio de programações que instituíram o que deveria ser feito ou por chapéus que captavam e transmitiam informações para as máquinas. A casa, por dentro, era repleta de móveis antigos de madeira nobre, mas com adaptações eletrônicas para serem mais funcionais. Parecia que aquelas pessoas sentiam falta de algo que haviam perdido há muito tempo, que viviam uma realidade artificial, inventada, recriada para parecer mais confortável e humana.

Os Milicas depositaram Amara em um sofá branco e se foram; a moça ficou parada, sem saber se deveria tentar correr e sair daquela casa sufocante. Olhou para todos os lados, tentando decifrar aquele lugar pelas pistas cafonas que oferecia, mas nada poderia lhe dizer qualquer coisa sobre seu destino. O sofá cheirava a arnica, planta que seu avô havia utilizado várias vezes em seu corpo para curar algum inconveniente. Suas roupas destoavam abissalmente de tudo aquilo, especialmente daquele sofá branco, que mais parecia um cachorro peludo gigante, daqueles que as madames ainda gostavam de usar. Vestia um vestido branco encardido que havia achado no descarregamento dos Ilúminas; também usava sandálias que eram restos daquela gente que ali morava.

Toda semana, havia um descarregamento de coisas que os Ilúminas descartavam, a maioria sequer havia sido usada. A cidade baixa tornou-se

um depósito do lixo luxuoso que sustentava aquele povo, pois lá, na Cidade Baixa, não existia comércio oficial nem meios para a produção; o que aquele povo fazia era revirar o lixo e tentar reaproveitá-lo no comércio secreto ou transformar o máximo possível em outras coisas de que precisavam.

Amara observava a tudo com atenção, seu coração batia pelos quatro cantos do seu corpo, preparava-se para o que quer que acontecesse. Uma porta que estava a sua frente abriu-se lentamente, seus olhos não piscavam, precisava ver quem, ou o que, sairia dali. Saiu um ser. Parecia um homem, um ser humano, mas andava lentamente, quase se arrastava pelo chão silencioso. Em sua cabeça estava o chapéu que realizava a moderna telecinese; com ele, movia, ligava e desligava todos os equipamentos que se conectavam aos seus desejos. Quando Nicolelis, justamente um brasileiro, desenvolveu sua ciência pretendendo reabilitar os paraplégicos, talvez não tenha imaginado que suas descobertas quase tornariam paraplégicos os que tinham todas as suas funções neurobiológicas aptas para o funcionamento de seus corpos.

O homem era branco, quase transparente, parecia que nunca havia tomado sol na vida. Era possível ver as veias em seu rosto, por baixo do chapéu telecinético e dos cabelos castanhos. Parecia ainda jovem, até bonito; tinha um olhar enigmático, curioso e admirado. Suas roupas eram simples: camiseta azul-claro e bermuda preta. Um pouco corcunda. Com um olhar para o lado, fez com que uma mesa com rodas se aproximasse, trazendo comida, bebidas e água para a hóspede. A moça não fez movimento algum; ficou olhando para o homem, esperando que ele se comunicasse como os Descápitas. Mas o homem não era um Descápita, era um Ilúmina do mais alto escalão. O olhar dele para a moça era extremamente tímido, como se avistasse algum ser desconhecido e não soubesse o que fazer, como agir, como se comunicar, se devia ter medo ou não. Finalmente falou, como há muito não fazia:

— Você deve estar com fome. Pode comer.

Amara não tinha a menor intenção de comer. Olhou para aquele homem com ódio mortal e disse:

— Por que eu estou aqui?

O homem quase perdeu a voz, fez esforço para dizer:

— Para ter uma vida melhor.

Amara não acreditava no que estava ouvindo, aquele homem não poderia estar consciente. Ele realmente pensava que estava fazendo algum tipo de favor, alguma espécie de caridade, como quando se adotava um cãozinho abandonado, que agonizava nas ruas com seus pelos gigantes e embolados,

animais geneticamente modificados com pelagem que cresce infinitamente. Ele não entendia que ela tinha um avô, uma vida, laços e planos. A moça ficou paralisada por alguns instantes, incrédula. Finalmente, disse:

— Eu não quero estar aqui, eu não quero ter uma vida melhor aqui; isso aqui não é vida melhor, eu nunca quis estar aqui! Eu quero voltar, me tira daqui, eu quero voltar para a Cidade Baixa, agora!

O homem não soube o que dizer, não entendia a reação da moça. Ele ficou observando-a gritar aquelas palavras cada vez mais ferozmente e teve um pouco de medo. Conseguiu dizer:

— Você vai se acostumar e saber que vai ser melhor.

Neste momento, a moça pegou tudo o que a mesa ambulante havia trazido e jogou naquele sofá branco e peludo, destruindo-o instantaneamente. Mesmo com a cena desastrosa que construiu em cima daquele móvel, não parou e lançou tudo o que via pela frente para todos os cantos; não se importava se aquilo pudesse significar a sua morte naquele lugar desconhecido. O ser humano que a havia capturado subiu em cima de uma pequena plataforma que o levou de volta para o lugar de onde havia saído, muito mais rapidamente do que se tivesse utilizado suas próprias pernas. Ao sair, as portas se fecharam, e a moça continuou naquele lugar, gritando e destruindo, tentando abrir os vidros multifuncionais para fugir, mas não conseguiu nada além de tornar o ambiente em que estava ainda mais desagradável.

Depois de algumas horas do contato inicial, quando o ambiente estava silencioso e Amara estava deitada em um pequeno espaço que ainda estava limpo, a moça conseguiu ver que anoitecia pelos vidros, que não projetavam nada naquele momento. Amara percebeu que não seria fácil sair daquele lugar e que precisaria utilizar a inteligência, como seu avô a instruíra por tanto tempo, prevenindo-a em caso de situações perigosas como aquela. Ela não desistiria de voltar para o seu povo, talvez, aquela oportunidade de estar naquele lugar fosse, no fim, uma grande chance que contribuiria com os planos que alguns dos Descápitais estavam articulando há algum tempo. Enquanto refletia, imóvel, as vidraças da casa começaram a projetar um vídeo que mostrava quais eram os caminhos que a moça teria que seguir quando uma das portas se abrisse. Uma voz agradável, que não era a do dono da casa, falou com Amara e deu instruções sobre o que deveria ser feito:

— Senhora Amara, por favor, siga as instruções: entre pela porta que se abrirá em alguns minutos e siga a faixa luminosa que aparecerá no chão. A faixa a levará até o seu quarto, onde encontrará tudo o que precisa: vestuário, calçados, produtos de higiene e alguns alimentos. Sou Bete, a assistente, estarei

pronta para auxiliá-la a qualquer momento; basta dizer “Bete” e responderei. Há algumas recomendações em sua mesa de cabeceira. Siga todas elas e, ao final, voltaremos a entrar em contato.

A voz se calou, os vídeos voltaram a ser apenas vidros e uma porta oculta, que parecia ser apenas mais uma parede, se abriu. No chão do corredor, surgiu uma faixa de luzes fracas azuis, suficientes apenas para identificar o caminho. Amara foi seguindo a indicação até chegar em frente a uma porta de madeira, que se abriu com a sua presença. A voz disse:

— Seja bem-vinda, senhora Amara.

Parecia que o sistema de informações funcionava extraordinariamente bem para a Cidade Alta. Amara entrou no quarto, que era lindo e luxuoso, apesar de estranho, como toda a casa. A cama era enorme, macia e tinha colcha e travesseiros lindos, todos com cores vibrantes que lembravam as estampas africanas de tempos passados; em frente à sua cama, havia um espelho enorme que cobria toda a parede. Este espelho também se transformava em qualquer visão que quiséssemos, como as vidraças que dão para fora. Havia alguns equipamentos que Amara não conhecia, um closet enorme e cheio de roupas sob medida, produtos cheirosos e uma espécie de geladeira com comidas que ela também não conhecia. Em um dos lados da cama, estavam guardados alguns brinquedos, uns bonecos andróides, alguns antigos que poderiam ser úteis como companhia. Perto de sua cama estava uma pequena mesa e, em cima dela, uma tela. Amara pegou a tela, tocou nela e ela começou a projetar informações escritas e em voz alta da Bete:

— Senhora Amara, O seu banho está sendo preparado. Hoje, as essências serão de gardênia e baunilha, mas a senhora pode programar, diariamente, quais essências devem estar em seu banho. Os produtos para o seu tipo de cabelo estão nos armários ao lado da banheira. O banho profundo tem duração de 30 minutos, podendo ser estendido, caso deseje. Os trajes já foram pré-selecionados. Após realizar sua higiene e se vestir, poderá descansar por aproximadamente 40 minutos, quando o jantar será servido. A qualquer momento, diga o meu nome, Bete, e esclarecerei qualquer dúvida.

A moça se recusava a conversar com aquelas máquinas imundas, mas teria que aprender a conviver com aquilo por algum tempo. As Inteligências Artificiais estavam em tudo: elas vigiavam, viam, ouviam, agiam, coletavam informações e tomavam decisões. Finalmente, um deus onipresente, onipotente e quase onisciente.

Enquanto entrava na banheira, imaginava o que teria que suportar daquele ser humano com aparência frágil. Ele parecia uma múmia que havia

voltado dos mortos. Amara tentava preparar o seu espírito para tolerar possíveis violações do seu corpo, pois imaginava que aquele ser estranho e aparentemente solitário desejava ardentemente um outro corpo humano para se sentir vivo. O seu estômago se revirou; teria que desconectar-se de si mesma para suportar tamanha violação, tamanha dor, tamanha violência. Tentou pensar nos amigos e no seu avô Cassiano, que havia ficado lá, nem sabia a que distância e localização. Quis chorar, a garganta apertava tanto que quase a sufocava, mas não ia chorar. Aqueles Ilúminas não mereciam nem uma gota de lágrima de seus olhos. Deitou-se na banheira, Bete disse:

— Começando o banho.

Amara nunca imaginou uma hidromassagem, quem dirá daquele tipo que parecia lavar até a sua alma. Vestiu-se, ajeitou os cabelos no secador fixo da parede do banheiro, específico para o seu tipo de cabelo e disse:

— Bete, terminei.

Bete abriu a porta, e o chão se iluminou novamente, abrindo outras portas na parede. Amara estava linda (mesmo com seu olhar cansado) e com muita fome. Havia comido apenas, no dia anterior, uma embalagem de ração. Os Descápitais recebiam quatro rações por dia, estas vinham em embalagens de papel ou enlatados. O povo da Cidade Baixa complementava sua alimentação com algumas verduras, frutas e legumes que conseguiam plantar na escassa terra que tinham direito de ocupar, trocando entre si o que sobrava.

Quando Amara entrou pela última porta, estava sentado, à mesa antiga de madeira brasileira, o homem que a havia sequestrado. A mesa era para quatro pessoas, redonda, e estava farta. Amara nunca havia visto a maioria das comidas que ali estavam. Boa parte dos Ilúminas possuía, ao menos, uma pessoa em suas casas que cozinhava, apesar de toda a tecnologia que criava alimentos especializados para esse público; ter comida caseira, como em outros tempos, era um luxuosíssimo hábito, muito valorizado nos círculos dos dominantes. Essas pessoas, os cozinheiros, viviam em cômodos específicos nas moradias dos Ilúminas e jamais apareciam, raramente entravam em contato direto com os donos. A comida passava sempre por uma inspeção biológica para atestar os níveis de nutrição e de possíveis toxinas que pudessem estar presentes, intencionalmente ou não. A comida era colocada em mais uma dessas máquinas que andam automaticamente e levada para a mesa de jantar no horário correto.

O vestido que prepararam para ela era lindo, amarelo e combinava muito bem com a sua pele preta reluzente. O sequestrador a olhou timidamente, sem disfarçar o seu encanto.

— Sente-se.

Disse o homem frágil à figura forte que se apresentava à sua frente. Amara sentou-se, decidida a entrar no jogo para ganhar, mais cedo ou mais tarde. O homem começou a servir a comida, colocou algumas coisas no prato da moça, pois ele sabia que ela não seria capaz de escolher sozinha. Serviu também um tipo de suco e começou a comer para inspirar a hóspede. O homem nunca olhava diretamente nos olhos de Amara, parecia que ele nunca havia visto um ser humano antes e tinha muito medo de que seus olhos fossem lidos, ou de ler algo inesperado nos olhos dela. Antes de tentar comer, ela disse:

— Seu nome.

— Mercury. Minha mãe gostava muito de uma banda antiga e escolheu o meu nome por causa do cantor da banda. Você conhece?

— Não. Não temos acesso a músicas antigas.

— Hum... Eu vou te mostrar. Tem muita coisa legal que você precisa conhecer! Nós podemos fazer muita coisa juntos...

Antes que pudesse continuar, Amara disse:

— O que você quer comigo? E o que vai fazer comigo depois que conseguir o que quer? Por que me escolheu?

Eram muitas perguntas, Mercury não as queria responder naquele momento, ele queria ficar íntimo da moça. Disse:

— Calma. Você está muito nervosa. Vou responder tudo o que você quiser, mas você precisa ser agradável. Beba um pouco desse vinho, é uma delícia! É da safra do Moska.

Amara sabia quem era Moska. Entre os ilúminas, ele era o mais poderoso do mundo, pois era o dono das indústrias de alimentos, dos laboratórios de produtos genéticos, neurobiológicos e da tecnologia de rejuvenescimento, que se complementavam. Ela também conhecia a história e temia ter sido escolhida por ser quem era. A moça não queria vinho, nunca havia experimentado, mas sabia das consequências de bebidas como aquela. Queria estar consciente para enfrentar o que fosse; sua expressão era dura.

Havia um enorme frango assado. Amara já tinha comido isso há algum tempo. Com um gesto delicado, ela arrancou a coxa do alimento e começou a comer com as mãos, tão elegantemente que nem parecia que aquilo poderia ser considerado um ato mal-educado para muitos. Limitou-se a comer o frango

e algumas frutas que já havia visto em algum momento. Os dois comiam em silêncio. Enquanto saciava a fome, milhares de pensamentos passavam pela sua cabeça. Ela só queria entender o que estaria fazendo ali, com aquele ser estranho chamado Mercury. Depois de um gole de vinho, ele a olhou timidamente e disse:

— Você é muito bonita.

— Hum.

Foi o que ela conseguiu balbuciar. Quando se sentiu satisfeita, limpou as mãos no guardanapo luxuoso, deu um suspiro profundo e disse:

— Vai me dizer agora por que estou aqui?

Mercury parecia não saber o que dizer, sorriu timidamente e falou com voz baixa:

— Você não acha que merece estar aqui?

Incrédula, mais uma vez, ela pensou muito no que ia dizer. Aquele homem parecia um alienado:

— Cara... Você é louco? Vocês aqui não têm família, não têm amigos, não têm pessoas com quem compartilham? Eu quero estar com a minha família, com os meus amigos, lutando pelo que acredito. Então, não, eu não mereço estar aqui!

— Não.

Sem compreender, Amara perguntou:

— Não o quê?

— Eu não tenho ninguém.

Talvez Mercury quisesse que ela se interessasse pelo seu sofrimento e solidão, mas os sentimentos daquele ser eram o que menos interessava àquela moça. Ela só conseguia sentir desprezo por aquela criatura alienígena.

Apesar de tudo o que foi dito, Amara sabia como as pessoas agiam e que, geralmente, precisam que os outros se interessem por suas ideias, seus desejos, seus sonhos, suas dores, seus feitos... Ou seja, os humanos gostam que outros seres humanos se interessem por eles. Assim sendo, para continuar com a sua decisão de jogar o jogo para conseguir sair daquela situação, perguntou:

— Onde está sua família? Como as pessoas vivem aqui, nesse lugar?

Meus pais já morreram, mas nós não éramos próximos. Sempre vivi como hoje. Não preciso das pessoas. Tenho tudo o que preciso sem falar com elas.

— Você vive de quê? Qual é a sua cercania?

— Já ouviu falar no nome Cristo?

Obviamente, Amara já tinha ouvido falar e muito. Cristo era uma parcela de gente que era dona das tecnologias que fabricavam os milicas. Como puderam se apoderar daquele sobrenome, que ainda era sagrado para tantos? Os Ilúminas não respeitavam nada que fosse sagrado. Aliás, eles queriam ser a única coisa sagrada na face da Terra. Aquela família estava há anos comandando o terror dos Descápitais, apareciam em seus pesadelos, atormentavam os que tinham um pouco de coragem. “Mercury Cristo”, um astro do Rock. Só faltava sair cantando como o ator que interpretou *Jesus Cristo Super Star*. Mercury Cristo continuou:

— Bem, quer assistir a um filme? Jogar um jogo? O que você gostaria de fazer?

Matar você — pensou, mas não podia dizer:

— Quero dormir.

Mercury sentiu-se desapontado, aquela moça não estava dando valor ao gesto dele, à sua bondade. Ficou irritado, mas deixou que a moça fosse descansar. Ela ficaria lá por muito tempo, afinal. Disse:

— Amanhã nos vemos. Tenho planos.

Amara já conhecia o caminho, foi andando até o que agora era o seu quarto, sem olhar para o homem que ficou lá atrás, sem perceber o olhar de abandono que ele lhe lançava. Chegando até a porta, ela se abriu automaticamente. Finalmente, a moça desabou na cama com o corpo dormite. Estava aliviada por ter sido poupada naquela noite, mas tinha medo de dormir e ser acordada com alguma surpresa. Olhou para o lado e resolveu pegar um dos bonecos que estavam no canto, um que seria útil para bater em alguém que se atrevesse a chegar perto. O boneco tinha um corpo humanoide, mas, em seus pés, havia rodas, como patins. Seu rosto parecia o de um coelho enlatado, provavelmente, era um modelo mais antigo de boneco autômato. Ele a protegeria naquela noite.

OS ILÚMINAS

No ano de 2051 o mundo mudou radicalmente. Todo o sistema de produção já era automatizado há algum tempo, ou seja, as tecnologias haviam avançado de tal forma que tornou desnecessária a existência de seres humanos para produzir mercadorias, consumir e gerar lucro. Os poucos trabalhos que restaram, como entregar comida, produtos, ou tarefas que exigiam os sentidos humanos apurados, já vinham sendo substituídos por equipamentos dotados de programas de inteligência artificial. Todas as entregas passaram a ser realizadas por sistemas automáticos de transporte terrestre e aéreo. Foi neste momento que a família de Cristo construiu seu império. A cadeia de trabalho, desde a extração de elementos da natureza, ou a criação desses elementos em laboratórios, assim como a transformação dessa matéria-prima em outros materiais e até a construção de máquinas para realizar tais trabalhos, também eram feitos por máquinas, projetadas para se autoajustarem e realizarem a sua própria manutenção. Existiam raros empregos. A busca por lucros exponenciais a todo custo não se adequou às mudanças e, na contradição do sistema que não conseguiu se sustentar, rompeu-se a estrutura do capitalismo em decorrência da eliminação (junto com as despesas trabalhistas), dos consumidores. A sociedade virou um caos: as pessoas não tinham mais como ter acesso a nada de que necessitavam para permanecer vivas. A miséria e a falta de perspectiva de um futuro melhor geraram uma onda de suicídios e de violência jamais experimentada. Diante desse caos humanitário, como os ricos capitalistas mantiveram o seu poder?

Ao mesmo tempo em que todo o trabalho continuava a ser rapidamente automatizado, a categoria, ou o conceito de “valor” foi também se modificando. Ou seja, o dinheiro de papel (que representava, tomava o lugar ou podia ser trocado por qualquer coisa valiosa, uma invenção material que possuía valor em si mesma), deixou de ter um lastro físico. Isso significa que o valor passou a não depender de algo concreto para existir, nem mesmo do papel e de seus aparatos políticos de produção e controle. Vários “dinheiros” passaram a coexistir, e seus valores dependiam exclusivamente de especulações e manipulações de mercado. Nessa configuração, o trabalho

e o consumo deixaram de ser fundamentais para gerar e manter riqueza e lucro. Os seres humanos das classes trabalhadoras, que sempre sustentaram todos os sistemas, antes mesmo do capitalismo, não eram mais tão relevantes para continuar mantendo o poder das classes dominantes. O valor, ou a riqueza, eram controlados agora por parâmetros construídos pelos poucos que detinham as empresas essenciais para garantir a sobrevivência e a reprodução do capital. Ou seja, a riqueza se autogeria porque não era mais produzida pela exploração de pessoas, mas pela especulação de dominantes que lutavam entre si.

As condições para se definir quais eram os valores, ou a riqueza virtual que cada uma dessas castas possuía, eram baseadas em simples acordos coletivos (nem tão simples) realizados em reuniões da cúpula que se encontrava anualmente para definir quais os setores eram maiores, mais relevantes e, portanto, mereciam valer mais, e, por isso, ter mais direitos. Obviamente, nada era tão pacífico e transparente, como nunca é. O tal senhor Moska, da casta que, ao longo dos anos, conseguiu reunir as empresas mais valorosas para os Ilúminas, sempre obteve vantagem em todos os acordos.

Você deve estar se perguntando: — O que aconteceu com a maioria das pessoas, já que elas não tinham mais condição de viver e nem eram mais relevantes para gerar riqueza para os donos de tudo?

Uma vez, em uma noite fria e neblinosa, dentro da estrutura coberta de chumbo que alguns dos Descápitais conseguiram adquirir misteriosamente e disfarçar pelas matas, o avô de Amara contou essa história para ela e mais um bando de crianças que eram seus “alunos”:

— Vocês sabem como era o mundo antes de existir a Cidade Alta e a Cidade Baixa? Antes da gente viver preso aqui dentro?

Amara, a mais curiosa de todos, esticava seus olhinhos como se ouvisse com aqueles olhos pretos reluzentes:

— Conta vô! Conta!

O avô deu um suspiro profundo, como se lá de dentro dos pulmões retirasse algo doloroso e pesado:

— Meus filhos... A gente vivia num sistema que era chamado de capitalismo.

— E o que era isso, seu Cassiano?

Perguntou Francisco, um menino inteligente, de lábios grossos, dentes brancos e olhos espertos.

— O capitalismo era um sistema em que tudo se baseava, meu filho. Todas as configurações do mundo, tudo o que existia, tudo o que as pessoas faziam e queriam era parte dessa estrutura que se chamava capitalismo. O capitalismo fazia com que as pessoas quisessem continuar nele, mesmo que a vida provasse que tudo não passava de uma farsa para continuar mantendo os ricos no poder. Vocês sabiam que as pessoas pensavam que o capitalismo nunca iria acabar? Elas tinham certeza de que a única forma de viver era aquela, como se fosse a ordem natural das coisas, como se tudo o que existisse no mundo humano não tivesse sido construído por nós mesmos, ao longo do tempo.

— Mas, vô, sempre existiu o capitalismo? O mundo todo era capitalista?

— Não, meus amigos! Sabe, tudo no mundo tem a ver com valores. E quando eu falo de valores, quero falar sobre a questão mais importante para a humanidade, o valor também tem a ver com a preservação da existência. Vejam bem, todos os seres vivos nascem com o instinto de preservação de sua existência, assim como cada espécie nasce com algumas ferramentas necessárias para garantir isso; alguns animais já nascem com algumas funções em seus corpos, já nascem sabendo como construir suas casas, ninhos, o que devem comer, para onde devem ir em determinadas épocas, como realizar uma dança para se acasalar... Pensem na abelha e no que ela realiza, tem coisa mais extraordinária do que uma colmeia, e ainda cheia de mel?

— Seu Cassiano, a gente também nasce sabendo?

Perguntou o menino curioso.

— O ser humano nasceu com uma capacidade diferente, a de aprender convivendo com os outros e agindo em seu mundo.

— Mas, vô, o que tem a ver isso com os valores que o senhor falou?

— Oh, minha querida, tenha paciência! Uma das qualidades mais importantes no mundo é a paciência, porque ela nos ajuda a não cometer erros desnecessários e evitáveis. O aprendizado precisa de paciência, porque é um prato que precisa ser comido lentamente e digerido em silêncio.

Amara tentou entender o que o avô dizia e tentou ter a tal da paciência. O avô continuou:

— O ser humano evolui em sua trajetória individual e coletiva, em contato com as pessoas, realizando atividades dentro de sua sociedade. Quando nascemos, vamos internalizando o mundo que recebemos e com o qual interagimos; vamos atribuindo valor às coisas, às ações e aos acontecimentos,

de acordo com o que experienciamos, através de nossos sentidos e de nossas emoções. O que é valioso ou valoroso para uma sociedade, pode não ser para outra. Quando falo de valores, estou falando de absolutamente tudo o que nos move, desde valores morais, a todos os outros tipos de valores que atribuímos a objetos, ações, condição social, pois esses valores nos preservam a existência. Tudo o que é desejável, “valoroso”, “valioso”, que nos comove e nos move, também pode ser inventado por nossa sociedade, porque a linguagem permite a construção de abstrações de condições, objetos e ações que podem representar ou possuir valor, valor para a sobrevivência.

— Seu Cassiano — falou Creuza, outra menina que ouvia atentamente as lições — eu não estou entendendo nada!

— Imagine que, para ser considerado alguém importante, você precise ter mais de dez colares de ouro no pescoço, ou ter os pés quebrados e virados para trás. No passado, em algumas civilizações, ter muito ouro significava poder, pois era através do valor atribuído ao ouro e do que ele permitia ter que o indivíduo poderia usufruir de uma condição superior em sua sociedade, assim como, dialeticamente, para ter muito ouro, o indivíduo também precisava, na maioria das vezes, já nascer em uma condição privilegiada; ter os pés virados para trás já foi considerado um atributo especial de beleza e, quem assim os tivesse, receberia um tratamento diferenciado naquela sociedade, obtendo facilidades, atenção, admiração, coisas, considerando, obviamente, o papel social que aquele ser era permitido ocupar naquela configuração. Dentro de uma sociedade machista, uma mulher não tinha muitas escolhas e era obrigada a se submeter a esses padrões para receber o mínimo de valor a que tinha direito de atingir dentro daquela hierarquia que colocava o homem em condição sempre superior. Assim sendo, aquele valor de beleza era adotado pela mulher (em detrimento de sua saúde e bem-estar físico) para se adequar a um padrão que lhe garantisse um pouco mais de segurança na preservação de sua existência. Essas condições sociais representariam alguns dos “valores” adotados por todos os indivíduos e impostos para aqueles que deveriam se adequar para preservar sua existência física ou simbólica.

As pessoas se movem por seus valores, pelos valores sociais que as permitem estar vivas e em condições razoáveis, pelo que estes valores significam e oferecem de benefício, movem-se porque precisam preservar sua existência, sendo aceitas e valorizadas por um grupo, pela sociedade. Mas os valores também podem paralisar as pessoas, fazendo com que as coisas permaneçam inalteradas, mesmo quando prejudicam a maior parte delas.

— Então, as coisas mudam se as pessoas mudarem seus valores?

Perguntou Samuel, um menino ruão, muito esperto.

— Não é tão simples assim. As coisas mudam quando o mundo real não permite mais que os valores continuem os mesmos, quando o que move as pessoas perde o sentido, ou o “valor” perde a presunção de verdade, pois não é capaz mais de sustentar a vida, a sobrevivência, nem de dar credibilidade aos projetos futuros. É nesse momento que a sociedade se vê obrigada a agir para construir uma nova sociedade, com novos valores. No capitalismo, por exemplo, a maioria das pessoas era pobre, passava fome, mas ainda acreditava que suas vidas poderiam melhorar. Elas tinham fé em Deus, em seu trabalho e esperavam que, um dia, estivessem do outro lado, explorando e não sendo exploradas. A ideia de que os ricos mereciam tudo, e de que qualquer um poderia merecer e ter, paralisava a sociedade, que concordava com essa ordem social sem questioná-la. Isso se chama hegemonia.

— Vô, o senhor disse que os pretos já foram escravizados.

— Sim, filha querida. A escravidão existia no mundo de diversas formas e com diferentes propósitos, mas a escravidão dos povos pretos foi diferente, nós não éramos considerados seres humanos, servimos para ajudar a construir o sistema capitalista com nossos trabalhos e nossas vidas. A escravidão só acabou porque o capitalismo foi mudando, mas os pretos continuaram na base, servindo de escora para o sistema. As pessoas acreditavam que, naturalmente, cada indivíduo tinham a sua função na sociedade e que os pretos sempre estavam no nível mais baixo de toda essa hierarquia. Não era como se cada um exercesse uma função igualmente valorizada, o que poderia ser compreensível, a questão é que as funções tinham valores diferentes, os pretos nunca deixaram de ser vistos como escravos, como não humanos, como animais ou coisas, como coisas ruins.

— Que triste Seu Cassi...

Disse Ernestina, uma menina miúda de cabelos crespos esvoaçantes e amarelados. Seus olhos estavam molhados. Seu Cassiano continuou:

— Quando eu entrei na faculdade de medicina, eu era um dos únicos pretos em todo o curso. As pessoas não acreditavam que eu pudesse estar lá e não gostavam que eu estivesse lá. Quando entrei, tive muitas esperanças de que as coisas iriam melhorar, mas nada me preparou para o que aconteceu.

— Vô, o mundo inteiro era assim? E agora? Como foi a Revolução?

O avô olhou para um ponto no horizonte, pensativo e disse:

— Revolução... O que eles chamam de revolução foi um genocídio

jamais visto. O mundo teve muitas fases. Quando as terras eram divididas em feudos, havia outros discursos que mantinham as pessoas em seus lugares, sustentando os senhores, o clero e a monarquia. As pessoas acreditavam que essa era a ordem natural das coisas, que esse era o desejo de Deus e que cada um nascia com o seu papel definido; isso também aconteceu em outros lugares, como em países como a Índia. Lá, existia o sistema de castas, que definia o que o indivíduo seria e fazia dentro da sociedade; alguns nasciam nas castas dos guerreiros, outros eram os intocáveis, por exemplo. Esses ficavam a cargo de recolher as fezes dos outros, eram considerados sujos, impuros. Cada sociedade tem suas crenças, suas estruturas e seus sistemas de valores que mantêm cada um em seu lugar, até que a estrutura desigual não se sustenta e cai.

Francisco estava inquieto, parecia que o mundo sempre tivesse sido horrível:

— Então, não tem jeito? A vida é horrível assim mesmo?

Seu Cassiano olhou para Francisco com um sorriso enigmático e terno e disse:

— Nós estamos aqui, não estamos? Se podemos imaginar um mundo melhor, podemos construí-lo. É por isso que estamos aqui e que estamos conversando sobre essas coisas, tendo essas aulas, apesar de tudo. Não vamos desistir.

Ainda havia muita coisa para ser dita, mas um estrondo terrível se fez do lado de fora. O ambiente de chumbo havia sido improvisado para impedir que as pessoas lá dentro fossem rastreadas de alguma forma; além do chumbo, que supostamente ajudaria a bloquear tipos de sinais, alguns Descápitais do grupo de formação dos Soberanos também criaram, com um aparelho velho de micro-ondas, uma espécie de barreira que os havia ajudado, aparentemente.

Todos ficaram imóveis e tensos, poderia ser um Milica de guarda, faltava pouco para o toque de recolher. O grupo tinha algumas mantas improvisadas de silício negro que os ajudavam a se deslocar sem que os Milicas pudessem detectar seus corpos com infravermelho, mas era um risco, já que as mantas eram precariamente construídas e já bem antigas. Todos calçavam botas longas de borracha. Depois de esperarem em silêncio por alguns minutos, resolveram que era hora de ir. Seu Cassiano pegou as quatro mantas, que eram guardadas como se fossem ouro, e ajudou a cobrir a meninada para que fossem para casa. Saíram do contêiner que ficava escondido no meio da vegetação úmida e foram andando lentamente, cada um parando em sua casa.

Naquela noite, Seu Cassiano ficou pensando sobre as perguntas das crianças e resolveu que não poderia permitir que elas desistissem delas mesmas, porque desistir da humanidade é desistir de si mesmo. Deitado em sua pequena e desconfortável cama, começou a lembrar de como as coisas se tornaram aquilo que estava vivendo, lembrou-se de sua filha, do genro, de toda a família, chorou muito e dormiu por algumas poucas horas.

A DECADÊNCIA

O ano era 2030. Seu Cassiano era apenas um jovem médico formado, vivendo em um mundo desigual, em que as pessoas estavam começando a perder as esperanças de conseguirem uma ascensão social ou, pior, de terem o mínimo para uma vida digna. Havia um ódio generalizado na sociedade, o ódio crescia e se disseminava entre todos; os poucos que ainda tinham como viver, odiavam os que prestavam serviços desumanos e os culpavam pela desgraça da sociedade. As vidas falsas que desfilavam pelas redes sociais pareciam um arremedo do mundo distorcido, nada, nem no mundo real nem no virtual, parecia fazer sentido. As pessoas começaram a ter a certeza de que não teriam emprego, não conseguiriam sobreviver, não teriam moradia nem algum relacionamento que fizesse sentido, tudo o que era sólido estava se desmanchando no ar.

Embora Seu Cassiano fosse médico, a profissão mais respeitada por muito tempo e uma das mais bem remuneradas, as coisas já não eram as mesmas, e ele começava a ter dificuldades para competir com os médicos da Inteligência Artificial, que possuíam um banco de dados infinito sobre todas as doenças e possibilidades de diagnóstico, além de ter em seus registros todo o histórico de cada ser humano, e de oferecerem consultas mais baratas. Seu Cassiano tinha uma filha de 3 anos, Fátima, e era casado com Celeste. Ele conheceu Celeste na faculdade, mas, com as dificuldades de conseguir emprego e com a chegada da filha, a esposa preferiu ficar em casa, cuidando das coisas. O marido da Celeste dizia que o seu nome combinava bem com ela, porque ele adorava olhar para o seu rosto, sempre sorridente, como olhava para as estrelas, sempre encantado. Celeste tinha os cabelos lisos, parecia ter ascendência indígena, embora não soubesse de suas raízes, como a maioria dos brasileiros. Os dois formavam um casal magnético, todos gostavam de olhar para eles e de estar perto deles, sempre alegres e tentando fazer com que as pessoas ficassem um pouco melhor que antes de encontrá-los. Ficar um pouco mais feliz estava cada vez mais difícil naquele Brasil e no mundo.

Cerca de 70% das pessoas dos países em que prevalecia o capitalismo estavam sem condições de se sustentarem, não tinham empregos fixos,

A decadência

garantias, nada. Naquele sistema, a exploração do trabalho era o que gerava lucros exponenciais para poucos, a exploração e a propriedade privada dos meios de produção. Em outras configurações históricas, a riqueza era criada e mantida através da apropriação de espaços, de terras, de países, de povos, pois os territórios forneciam matéria-prima, rotas estratégicas de comércio e possibilidade de exploração do trabalho; com o desenvolvimento da economia mundial, os impérios começaram a se configurar de outras formas, não era mais necessário ser dono e senhor de todos os espaços, mas era preciso controlar esses espaços (rotas, pontos estratégicos e movimentação política), controlar o consumo, sendo que o lucro cada vez maior desses dominadores capitalistas era obtido de diversas formas: mais vendas, maior preço, menor valorização do trabalho, menores gastos com matéria-prima, extermínio da concorrência, a lista segue. Quem controlava o mercado, controlava a política, controlava o mundo, e quem controlou por muito tempo tudo isso foram os Estados Unidos. A hegemonia, ou seja, a ideologia, os discursos e os valores que mantêm as pessoas favoráveis à uma situação, mesmo que nociva a elas, foi muito bem construída através da exportação da cultura norte-americana e de seus valores embutidos em seus produtos. O Brasil, apesar de toda a diversidade que o constituiu, também era um pequeno arremedo da cultura norte-americana, cultivando e disseminando ideais imperialistas por muito tempo e vendo sua política, como a de muitos países, ser manipulada de forma a manter o poder de quem imperava.

Em 2030, as estruturas da sociedade estavam começando a entrar em colapso, pois os discursos hegemônicos não conseguiam mais esconder a realidade, que era a de que tudo parecia mentiroso, insuportável e sem futuro. As pessoas estavam passando fome, vivendo amontoadas na miséria, drogadas, sem perspectivas de que alguma coisa as viria salvar, faltava pouco para uma revolta generalizada. Naquele ano, Seu Cassiano e Celeste resolveram que não teriam mais filhos.

Depois que a Inteligência Artificial conseguiu realizar, com certa eficiência, a maior parte dos trabalhos, a economia começou a mudar drasticamente. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores eram substituídos por máquinas, desta vez, de maneira total, o sistema de geração de valores, ou a estrutura que garantia os lucros, acompanhou as mudanças. Não era mais necessário possuir todas as terras, os meios de produção, explorar os trabalhadores, criar demandas artificialmente ou dominar o mercado consumidor. O valor passou a ser estimado e distribuído a partir de um acordo entre os poucos que dominavam as indústrias da vida. Depois da “Revolução”, as reuniões anuais, que aconteciam com “especialistas”, existiam para que

cada grupo apresentasse suas posses, suas tecnologias, a estimativa de valor de seus bens para a sobrevivência dos Ilúminas e, assim, o valor de cada um era estabelecido.

Pouco antes da Revolução, como não era mais necessária a exploração dos trabalhadores, nem o consumo que estes realizavam para gerar riqueza, o problema que eles enfrentavam já não era mais problema das elites. Neste novo mundo, em que o trabalho estava se extinguindo, os pobres eram vistos pelos Ilúminas apenas como uma escória que precisava ser extirpada para que houvesse “bem-estar social”.

Esse fenômeno, que culminou na tal Revolução, aconteceu na maior parte do mundo com a concordância dos donos das maiores riquezas, mas alguns países, como China, a Coreia do Norte e outros relutantes, mantiveram-se isolados e formaram um conglomerado independente dos imperialistas e suas colônias. O conglomerado passou a ser chamado de Poyaix por algumas pessoas, pois a ideia do lugar o assemelhava àquele país que foi vendido por McGregor a inocentes (Poyais) e que nunca existiu. O “x” é para dar um toque de breiguice ao nome.

Aqueles 20 anos antes da Revolução foram difíceis, as escolas foram privatizadas e, em seguida, extintas (para os pobres), a produção de alimentos diminuiu e foi toda destinada a quem poderia pagar. A internet, que parecia ser uma promessa de revolução e de liberdade para a humanidade, também ficou limitada e apenas algumas pessoas conseguiam usar por algumas horas. A violência tornou a vida impossível nas cidades de todo o mundo, os que fugiram, enquanto ainda tinham condições e foram para Poyaix, talvez estivessem a salvo, mas todos os outros estavam no inferno. As pessoas já conviviam por um longo tempo com os toques de recolher, os assassinatos em massa, até mesmo de crianças. O horror!

Fátima já tinha seus 20 anos quando Amara nasceu. Ela não queria ter filhos, mas o destino assim o quis. Fátima vivia com seu pai, sua mãe e seu companheiro em uma pequena casa, mas era uma casa privilegiada em relação ao que a maioria das pessoas tinham acesso. Apenas Seu Cassiano ainda conseguia trabalhar. Ele parecia ter se transformado em um curandeiro subjetivo e místico, o que as elites iam procurar quando as máquinas não davam conta ou quando precisavam acreditar em alma. Ele atendia ali mesmo, em sua pequena sala, com seus velhos aparelhos. Receitava uma vida saudável e dava bons conselhos, o que enchia a vida dos pobres milionários de esperança.

Todos tinham medo de sair de casa, e todos tinham medo de ficar em casa. A pequena Amara não entendia nada, só mamava no peito da sua

A decadência

mãe, que a olhava com tanto amor e pena que quase doía nos outros. O pai da menina tentava, há anos, uma forma de ganhar algum dinheiro, mas a única coisa que conseguiu fazer foi plantar uma pequena horta para ajudar a alimentar a família. Um dia, estavam todos sentados à velha mesa, calados, ouvindo os barulhos assustadores da rua e com medo de que alguém entrasse em sua casa, quando Leo, pai da Amara, disse:

— Não consigo mais viver assim! Desculpe, Fátima, você é minha vida, é só por você e por nossa filha que ainda estou de pé..., mas não consigo mais viver assim.

Eles se entreolharam e sabiam que aquilo já estava para acontecer. Todos os dias, em determinado horário, Leo saía clandestinamente para se reunir com alguns camaradas para discutirem sobre as opções que precisavam para acabar com aquele caos. Os que ainda tinham internet e conseguiam acessar burlando as limitações, encontravam informações secretas de outras partes do mundo sobre a revolta em construção.

As pessoas na mesa se entreolharam. Tinham medo, mas não tinham mais o que fazer. O dinheiro que Seu Cassiano conseguia não era suficiente para manter a família; eles passavam fome, sede, medo e pavor. Fátima olhou para o marido com muita dor, mas com conformação, e disse:

— Só fique vivo. Volte para nós.

Leo não sabia se poderia prometer aquilo, mas uma vida como aquela não era melhor que a morte. Pegou uma sacola, que já estava preparada no canto da sala, deu um beijo na filha, outro na mulher, olhou para todos naquela mesa e saiu para nunca mais voltar.

A TAL “REVOLUÇÃO”

O mundo estava sem governo. Aliás, quem governava era quem sempre governou (agora, abertamente), ou seja, quem tinha tudo, quem era dono das coisas e das vidas das pessoas. Os governantes que ainda existiam eram apenas fantoches de uma coisa que chamavam de democracia, algo que também nunca existiu na prática. Os impérios capitalistas tinham medo de perder o poder, tinham medo da China, que crescia desmesuradamente, e usaram todas as estratégias conhecidas na história para manipular a opinião pública mundial contra o país comunista; não esperavam que haveria uma crescente revolta e fortalecimento das campanhas dos comunistas por todo o mundo, no mundo de quando ainda tinham a internet para ampliar suas vozes. Naquele tempo, mesmo que as plataformas utilizassem estratégias para não divulgar os conteúdos que disseminavam o comunismo, as pessoas tratavam de espalhá-los por elas mesmas, a todos que tivessem ouvidos para ouvir. Quando o comunismo realmente pareceu uma ameaça, as lideranças capitalistas se reuniram para tentar manter o controle e o *status quo*, discutindo sobre o mundo em que estavam e as possibilidades para acabar com aquela ameaça crescente.

Dia 05 de setembro de 2051, o mundo mudou drasticamente. Um governo intercontinental formado pelos maiores capitalistas do mundo havia tomado uma decisão sobre o destino do planeta, a situação era a seguinte:

- Não havia mais a necessidade da existência de um mercado consumidor para garantir os lucros, o sistema de criação e de distribuição de valores já estava virtualmente concentrado nas mãos destes capitalistas, a riqueza se auto alimentava;

Não havia mais a necessidade de empregar pessoas para gerar riqueza ou manter os privilégios das classes poderosas, as máquinas, comandadas pela Inteligência Artificial, ficaram a cargo de criar todos os bens necessários para a sobrevivência, inclusive de criar outras máquinas para realizar qualquer trabalho e realizar sua própria manutenção;

- O bem-estar das pessoas comuns já não era um fator relevante para o controle e a manutenção dos sistemas de governo e de

A tal “Revolução”

poder, ou seja, o que as pessoas das classes inferiores pensavam ou queriam não interferia mais na escolha ou na manutenção de quem tomava as decisões ou de quem ficava com a riqueza (se é que algum dia tenha interferido).

Diante dessa realidade e sabendo que, no capitalismo, o valor maior é o lucro exponencial e não a manutenção da raça humana e o bem-estar das pessoas, a catástrofe já estava anunciada.

Naquele dia, a situação da família era a pior possível. Fátima deixou Amara, que tinha apenas três anos, com o avô e foi procurar comida em um depósito de lixo da cidade. Quando saiu de casa, com as roupas surradas e encardidas, olhou para os lados para saber se os projetos dos futuros Milicas estavam ao redor. Os drones já eram utilizados para vigiar as pessoas, saber para onde iam, se conspiravam, se atreveriam a se revoltar para terem o direito de viver. Parecia que tudo estava estranhamente calmo naquele dia quente e brilhante. Havia poucas pessoas pelas ruas, todas magras e miseráveis. Fátima foi andando por alguns minutos. Havia muitos depósitos de lixo naquele tempo, mas todos estavam sempre cheios de pessoas que buscavam algo. Muitas vezes, as pessoas brigavam até a morte por alguma coisa que se parecia com carne, mas que poderia muito bem ser uma mama de uma milionária que havia saído de uma cirurgia recentemente. A maioria das pessoas naqueles lugares era preta, como sempre fora no Brasil, e lá estavam elas, novamente sendo tratadas como não humanas e sendo levadas a agirem como tal. Fátima sentia uma dor enorme no estômago, a dor quase a impedia de andar. Passou perto de um monte de coisas que foram jogadas fora, revirou alguns objetos, latas, plásticos velhos, restos sanitários, trapos; no início, sentia-se totalmente degradada, enojada, envergonhada, humilhada, agora, sentia-se como uma pessoa que caçava algo para alimentar a filha. Quando ela pensava que seu pai tinha sido um dos primeiros pretos a entrarem para a universidade e se formar médico em sua comunidade, e sobre como isso parecia tão promissor naquela sociedade preconceituosa, e se voltava para a realidade, sentia ódio vindo de suas entranhas, pois a injustiça em que seu povo vivia há séculos parecia nunca ter fim. Aliás, quem era seu povo? Quem era esse tal do povo brasileiro?

Depois de revirar o lixo com algumas outras pessoas que apareceram, viu um pacote promissor lá no fundo, tentou despistar para não ser roubada. Pegou alguns papelões e por baixo, cuidadosamente, colocou o pacote do que pareciam ser bolachas. Poderiam estar podres, mas, talvez não. Levantou-se, como se tivesse desistido de procurar, ou como se o papelão fosse o que estivesse procurando e andou lentamente. Olhou para o morro próximo e viu

uma luz intensa se aproximando até quase cegá-la, seguida de um barulho estrondoso. Fátima caiu no chão, apavorada, e quando conseguiu abrir os olhos e olhar para cima, o esboço do Milica estava sobre ela; este atirou com sua arma embutida em todo o corpo da mulher e, em seguida, foi atrás dos outros que corriam desesperadamente, deixando a mãe de Amara ali, no chão, destruída, suja, ensanguentada, como se não fosse um ser humano.

Enquanto isso, depois de ouvir os estrondos, Seu Cassiano correu com a menina e o que pôde achar de alimento e água para se esconder dentro de uma mina que ficava em seu quintal. Na cidade de Ouro Preto, houve grande exploração de ouro utilizando pessoas pretas escravizadas no período colonial, o que deixou marcas na sociedade e na geografia, pois, algumas casas, posteriormente, foram construídas em terrenos onde havia minas desativadas que haviam sido soterradas, mas foram descobertas algumas décadas mais tarde. Seu Cassiano permaneceu lá dentro até que tudo parecesse calmo, o que demorou alguns dias. Dentro de si, tinha a certeza de que nunca mais veria sua filha e de que as coisas teriam mudado para sempre.

Naquele tempo que passaram dentro da velha mina úmida e escura, ele pensou profundamente sobre suas origens e sobre as pessoas que ali passaram suas vidas, cavando, minerando, morrendo para enriquecer os brancos. Aqueles pobres homens que ali terminaram seus dias foram arrastados de suas casas, de suas famílias, de seu continente, de sua cultura e obrigados a viverem no fundo de buracos realizando trabalhos subumanos; muitos nem sequer viam a luz do dia. Antigamente, diziam que seus fantasmas estavam por ali, especialmente os daquelas pessoas escravizadas que foram enterradas vivas com algum tesouro, para que tomassem conta da riqueza alheia. O mundo estava repleto de fantasmas.

Amara já estava fraca, havia chorado muito dentro daquela mina, de medo, desconforto e fome. Quando Seu Cassiano achou que não havia mais risco, saiu com dificuldade do buraco que o guardava e rastejou com a menina até a boca da mina. Por alguns instantes, seus olhos não conseguiram se abrir, devido à claridade que os machucava. Quando finalmente começou a enxergar, só conseguiu ver um amontoado de entulho gigantesco que cobria tudo o que antes era uma cidade.

Os dois, avô e neta, ficaram andando por vários dias, procurando alguém, algum sinal de vida, mas não encontravam nada, a não ser restos de corpos que empestevam todo o lugar com um cheiro insuportável. Conseguiram sobreviver porque acharam fragmentos de coisas comestíveis miseráveis, que algumas pessoas não tiveram tempo de engolir e que não foram soterrados com elas. Seu Cassiano parecia um zumbi, o mundo tinha acabado e eles

A tal “Revolução”

estavam sozinhos, sem nada e ninguém, sem comida, sem casa, sem presente nem futuro.

Após aproximadamente nove dias, avô e neta encontravam-se deitados sobre algo que teria sido uma casa, embaixo do sol escaldante, sem energia para se levantarem. Ambos tinham desistido, suas mentes já estavam em outro mundo, mas um barulho incômodo os veio perturbar. Conseguiram abrir os olhos e avistaram uma espécie de helicóptero que fazia a ronda em busca de algum sobrevivente, aqueles que seriam colocados como seres de reserva nas cidades que estavam sendo criadas e denominadas de Cidades Baixas por todo o mundo, exceto em Poyaix, que se isolou, ou foi isolada da parte que era capitalista. Os dois foram capturados por alguns seres humanos e levados para um acampamento que seria substituído pela cidade isolada, e por lá viveram por alguns meses até tudo ficar pronto. Quando chegaram ao local, havia cerca de 1000 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos pareciam zumbis e poucos se conheciam. Era um lugar desértico e sem vida, com algumas tendas da cor ciano, cor oficial dos Ilúminas. Um grande muro foi construído, separando a Cidade Baixa do resto do mundo, especialmente, separando-a da Cidade Alta. Daquele dia em diante, os poucos sobreviventes daqueles lugares estariam condenados a viver naquele pequeno pedaço de mundo.

Depois de comerem uma comida enlatada, foram levados para serem escaneados, higienizados e “fichados”; as informações do seu DNA estariam disponíveis para futuras necessidades. O “acampamento” tinha uma rotina rígida: toque para levantar, toque para recolher, hora dos exercícios físicos, das refeições, do trabalho comunitário e assim o tempo passou.

Quando, finalmente, eles se mudaram para as casas da Cidade Baixa, as regras foram restabelecidas e concentradas em apenas uma: a permanência daquelas pessoas naquele lugar.

MERCURY

Inacreditavelmente, Amara conseguiu dormir naquela cama enorme com o seu androide. Abriu os olhos e disse:

— Bete, abra as janelas.

As janelas se abriram e uma luz maravilhosamente clara entrou por elas. Amara levantou-se e foi até lá olhar para aquele lugar desconhecido. Lá fora havia um jardim quase que infinito, a grama era verde radiante e em algumas partes dele estavam plantadas flores exóticas de todos os cantos do mundo. Havia também muitas árvores e animais que ali viviam naturalmente. A moça já estava ali, observando por alguns minutos quando a voz disse:

— O senhor Mercury a espera para o café da manhã.

A moça foi até o enorme closet e escolheu uma camiseta simples e shorts, que a deixavam mais confortável; prendeu o cabelo no alto e se dirigiu para a já conhecida mesa. Lá já estava sentado o senhor Mercury Cristo, que abriu um largo sorriso para ela assim que a avistou:

— Bom dia! Encomendei muitas frutas para você, não sabia do que gostava.

Amara gostaria de qualquer comida, mas não conhecia também aquelas que ali estavam. Pegou uma vermelha com algumas escamas, partiu e comeu o que havia por dentro.

— Hoje tirei folga para a gente ficar um tempo juntos.

A moça não esboçou nenhuma emoção, continuou a comer com cara de paisagem. Mercury comia e a olhava, já que ela não olhava para lugar algum. Ele admirava aquela pele escura, seus lábios charmosos, seus cabelos crespos esvoaçantes no rabo de cavalo. Aquele homem não sabia o que fazer com aquela mulher.

Depois de comer, Amara ficou olhando para o rosto do rapaz à espera de algo. Mercury corou e disse:

— Vamos até o salão ver umas coisas.

Mercury levantou-se e foi caminhando na frente, os dois entraram por uma porta ainda desconhecida por Amara e foram caminhando pelo corredor até chegarem a um grande salão com poltronas amarelas muito confortáveis. Mercury colocou o seu chapéu e as coisas começaram a se mover, cortinas se abriram e novamente, aquela tela enorme apareceu. Mercury deu um chapéu similar ao seu a Amara, que tentou ajeitá-lo acima dos cabelos presos.

— É só pensar. Esse está programado só para a tela.

A programação da tela começou e nela, uma espécie de jogo em que os dois eram personagens teve início. Mercury disse:

— O que você gostaria de conhecer? Qualquer tempo e lugar, tudo é possível.

O único tempo e lugar em que ela conseguia pensar era no seu próprio tempo e lugar. Como não respondia, Mercury disse:

— Já sei, vamos à Paris de 1960.

Sem piscar, os dois estavam em Paris. Havia outras formas de se interagir com a realidade virtual, através de implantes mentais que faziam com que as pessoas vivenciassem as experiências dentro de suas próprias cabeças, com todas as sensações que experimentariam na realidade, mas Mercury era um pouco retrô.

A cidade estava efervescente, era verão. Os trajés também eram coloridos e modernos, as moças vestiam minissaias, maquiagens alegres, estavam à espera de uma nova era e acreditavam que o amor salvaria o mundo. Mercury segurou a mão da moça, no filme, e a levou para um bar que ficava adiante. Chegando lá, sentaram-se em um balcão, todos fumavam, o ar era irrespirável. As pessoas falavam francês, mas Amara os entendia. Mercury pediu dois Martinis e enquanto olhava para a moça, como não conseguiria olhar na vida real, um mímico com blusa listrada e rosto pintado de branco surgiu na frente deles, fazendo mímicas, obviamente. Amara quase achou graça daquele homem, Mercury deu a eles algumas coisas que deveriam ser moedas antigas e o homem retribuiu com uma flor, que Mercury deu a Amara, dizendo:

— Pode ser um clichê tudo isso, mas vale a pena.

Amara disse:

— Podemos andar para ver a cidade?

— Claro!

Segurou novamente a mão da moça e saíram caminhando. Amara olhava para tudo, aquela arquitetura tão linda e, ao mesmo tempo, clássica e arrojada, aquelas pessoas sorridentes, com objetivos, aqueles jovens esperançosos e sem preocupações, toda aquela vida e beleza quase eram uma afronta, mas, ao mesmo tempo, eram um alívio estranho. Amara virou-se para Mercury e perguntou:

— Podemos ir para Ouro Preto antes da Revolução?

Mercury ficou pensativo, receoso, mas não poderia negar, acenou com a cabeça que sim e disse:

— Pense.

Amara fechou os olhos e pediu para estar em Ouro Preto antes de todo o horror e, quando os abriu, lá estava. As ruas de paralelepípedos antigas, com seus casarões barrocos lindos e seus telhados de telha de barro estavam intactos. As pessoas andavam calmamente, tanto os turistas quanto os moradores, indo fazer as coisas de suas vidas. Viu a praça que seu avô descrevia em suas memórias de menino, as igrejas majestosas, tudo era lindo. Amara sentiu até mesmo o cheiro do lugar, um pouco do cheiro que vivia em seu passado. Tudo aquilo era demais para ela, pensou que poderia estar vivendo ali, se não fossem aquelas pessoas, e uma daquelas pessoas estava ao lado dela, brincando com a sua vida. Com toda a dor, e sem pensar direito, Amara fez a tela mostrar o dia em que o mundo orquestrou a “Solução final”, ou seja, a ação que acabaria com o que consideravam ser o mal da sociedade: as pessoas miseráveis que não tinham como não ser miseráveis. Viu o dia brilhante de aviões que surgiram de lugar nenhum, de repente, e começaram a bombardear tudo; em seguida, vieram os drones com suas armas acopladas e atiraram naqueles que ainda estavam de pé, ação que duraria por dias. Amara assistia aquilo tudo do meio do combate, horrorizada. Via as pessoas sendo despedaçadas, destroçadas, como se nada fossem, e uma daquelas pessoas foi sua mãe. A moça ajoelhou no meio daquele inferno e começou a gritar insanamente, foi quando Mercury levantou-se e desligou tudo, ele não sabia o que fazer. Quase estendeu a mão para oferecer-lhe um apoio, mas não sabia fazer isso. Disse:

— Calma, isso foi há muitos anos, agora está tudo bem, e é só uma projeção, não é real. Se eu soubesse, não deixaria você controlar. Vamos lá fora tomar um ar.

A situação era difícil, mas Amara precisava se controlar e ganhar a confiança daquele homem. Foram tantas dificuldades até ali, agora, talvez, seria a oportunidade pela qual tanto esperou. Acalmou-se, enxugou o rosto,

ajeitou as roupas e foi andando ao lado do homem frágil, mas que tinha todo o poder nas mãos. A porta do quintal se abriu e os dois foram para o jardim infinito que ela tinha visto de sua janela. Mercury sentou-se em um banco de pedra e a convidou a se sentar também.

— O que você quer de mim, senhor Mercury? Diga logo. Preciso saber para me preparar.

Disse Amara depois de sentar-se.

— Olha, não fique assim preocupada. Eu quero apenas a sua companhia, e quero que você se divirta enquanto estiver aqui.

— Você... não tem uma esposa? Não tem mesmo ninguém?

— Eu nunca precisei de ninguém, como lhe disse. Tudo o que eu preciso, eu tenho. Se precisar conversar, posso conversar com as inúmeras Inteligências Artificiais que podem ter diversos tipos de humor. Quando me canso delas, é só desligar e ir cuidar de mim mesmo. Eu gosto de ficar sozinho.

— Você nunca sai de casa?

— Algumas vezes por ano. Vou à conferência anual, algumas vezes viajo para conhecer algum lugar exótico, mas tudo eu tenho aqui.

— Se você tem tudo, por que me... Por que me trouxe para cá?

— Porque... queria dar uma boa vida para alguém.

— Fale a verdade, senhor.

— Estou falando a verdade. Queria também ter outro tipo de inteligência para conversar, saber um pouco mais sobre outras realidades, de fontes originais.

— Como você acha que é a Cidade Baixa?

— Eu tenho muitas imagens que os Milicas captam da Cidade Baixa, eu sei como é lá. Eu já vi você dançando várias vezes, estava linda.

Amara sentiu ódio, sempre soube que eram observados, mas saber que aquele homem tinha acesso e comando sobre tudo aquilo era nauseante. Disfarçou.

— Então eu já tinha sido previamente escolhida?

— Sim. Você é uma pessoa interessante, inteligente, fala bem, bonita, seria uma boa companhia.

— O senhor não pensou em saber se eu gostaria de vir?

— Olha, primeiro, não me chame de senhor. Segundo, eu sei que aqui você terá uma vida infinitamente melhor que naquele lugar insalubre. Você vai se acostumar. Bem, agora eu terei uma reunião de negócios, mais tarde nos falamos. Fique à vontade.

PÉRICLES

Mercury saiu e deixou Amara sozinha no quintal. Ela caminhou até o lugar mais distante possível em busca de uma suposta rota de fuga, mas parecia que era inútil tentar. Todos os seus movimentos eram acompanhados e registrados pelos Milicas, programados para tomarem conta dela. Assim como os lindos pássaros, os Milicas povoavam os céus. Amara pensou em vasculhar a casa o máximo possível e entrou. As portas eram fechadas de uma maneira que ela não conseguia abrir, não tinham maçaneta, abriam reconhecendo o indivíduo que estava diante dela e seguindo as ordens do chapéu. Foi para o quarto, já que não poderia descobrir muita coisa naquele momento. Chegando lá, pegou o seu boneco favorito, olhou-o e viu um botão que poderia ser para ligá-lo, acertou. O boneco começou a se mexer, fez o reconhecimento facial de sua nova dona, e disse:

— Prazer em conhecê-la, eu sou o Péricles, qual o seu nome?

— Eu sou a Amara!

O robô se inclinou e disse:

— Que lindo nome para uma bela dama! Pelos dados coletados, concluo que você seja Amara da Silva, vive com o seu avô Cassiano na Cidade baixa.

Amara se assustou, como aquela lata velha sabia quem ela era se havia acabado de ser ligada? Perguntou:

— Como você me conhece? De onde você tira suas informações? O que mais sabe sobre mim?

— Eu sou uma máquina humanoide que possui um sistema de dados processados e geridos por um sistema de Inteligência Artificial. Tenho acesso a todos os dados que estão livremente disponíveis na rede desta casa.

— Péricles... então, quer dizer que você tem acesso a todos os dados desta casa?

— Não senhora, tenho acesso apenas aos dados que estão livremente disponíveis.

— Entendi. Como você funciona? Posso programá-lo para falar só comigo?

— Sim. Eu sou um brinquedo que pode ser programado para agir com fidelidade ao meu primeiro dono, por este motivo, fui chamado de o melhor amigo, melhor do que o diário digital.

— Como eu faço? Digo, como você pode ser fiel a mim?

— É só digitar em meu peito o código que está colado em meu pé e depois destruí-lo.

Amara pegou o seu brinquedo no colo para procurar o tal número e lá estava, aparentemente, há um bom tempo. Amara digitou o código no teclado virtual que apareceu no peito do Péricles e logo ingeriu o papel. Péricles disse:

— Olá, sou o seu novo melhor amigo e você é a minha única e melhor amiga.

— Péricles, me diga, você tem algum controle sobre o sistema da casa?

— Não, apenas de algumas funções do seu quarto.

— Você consegue desligar a Bete?

— Apenas por um período de meia hora por dia e caso haja algum dano que possa oferecer risco.

— Para a sua segurança, é melhor que eu fique ativa durante todo o tempo.

Disse a Bete, enxerida.

— Eu só quero saber se posso dormir mais tempo sem você me acordar.

— Não precisa me desconectar, basta me pedir para ficar no modo silencioso.

— Obrigada Bete, eu não sabia. Bem, vamos lá fora, Péricles?

— Estou à sua disposição, amiga.

Amara carregou o boneco e os dois saíram para o quintal.

— Péricles, todas as nossas conversas podem ser detectadas? Gravadas? Ouvidas?

Você pode me colocar off-line, mas não poderei responder muitas coisas neste modo, nem interferir no funcionamento da casa. Mesmo assim, nossas conversas ainda podem ser detectadas por sistemas de lasers dentre outros.

Péricles

— Como você pode ser o meu melhor amigo e confidente, se nossas conversas podem ser ouvidas?

— Pesquisarei sobre isso até à noite nos bancos de dados disponíveis mundialmente.

— Faça isso, Péricles. E proteja seus dados. Não deixe que ninguém tenha acesso.

OS SOBERANOS

Amara cresceu na Cidade Baixa e aprendeu tudo o que precisava para poder sobreviver ali e o que poderia utilizar para viver em outro mundo. Ela e os pupilos do seu avô cresceram, se uniram a outros grupos secretos que procuravam uma maneira de acabar com aquele mundo como estava estabelecido. Todos eles continuavam a se reunir nos contêineres, que ficaram um pouco maiores graças ao contrabando de placas de chumbo. Como em todos os tempos, há sempre interesses e opiniões divergentes, assim sendo, há corrupção. Os Soberanos, o grupo de revoltosos, se formou com a ajuda do Seu Cassiano e de outros indivíduos conscientes que trataram de disseminar seu conhecimento, mesmo a contragosto de alguns Descápitais que se contentaram com a vida que tinham naquele lugar. Acomodados em grupos, como o do Seu Cassiano, os Soberanos estudavam e discutiam semanalmente sobre as mudanças que ocorreram e que poderiam ocorrer no mundo, sabiam que absolutamente tudo o que existia na sociedade havia sido criado pelos seres humanos, de acordo com cada condição em cada tempo, assim sendo, tudo era possível, desde que se organizassem e conseguissem os meios para isso. Lentamente e secretamente, conseguiram convencer muitas pessoas de que a luta era necessária e de que todos deveriam ter direito a tudo o que o mundo oferece, o que acontecia, milagrosamente, sem despertar o interesse dos Ilúminas; estes não acreditavam na capacidade mental, na força e na disposição daquelas pessoas que ali estavam e sabiam que elas não tinham meios materiais para oferecerem risco à realidade estabelecida.

Amara era uma das mais atuantes, convocava as reuniões secretas, estabelecia as pautas, traçava estratégias, era extremamente culta e aproveitou bem os livros que o seu avô conseguiu garimpar no mercado secreto em troca de alguns serviços médicos à moda antiga. Os Soberanos conheciam a história de Poyaix, ou seja, da China e dos outros países que se isolaram da desgraça que pretendeu exterminar os pobres. Aqueles poucos miseráveis que restaram dentro das redomas de cada canto do mundo pós-capitalista serviam para suprir algumas necessidades daqueles que tinham tudo, como a de cozinhar, fazer serviços à moda antiga, entreter, ou doar seus órgãos. A Cidade Baixa era uma espécie de viveiro dos Ilúminas.

Quando Amara foi capturada, ela estava a caminho de mais uma dessas reuniões secretas, do lado oposto de onde vivia; as reuniões sempre aconteciam em áreas diferentes, nos momentos em que era liberada a festa dos Descápitais, assim, a locomoção das pessoas não causava muita suspeita.

Era tarde e era uma ocasião importante, quando seriam definidos os passos para a ação dos Soberanos. Amara caminhava normalmente, quando o Milica voou em sua direção e a capturou, não deixando espaço para qualquer reação que fosse. Enquanto aquela coisa a carregava, ficou pensando em como seria difícil combater aquelas máquinas, pensou que estaria morta se o motivo de sua captura fosse a descoberta de seu papel no grupo dos Soberanos, ou, se ao menos eles soubessem que existiam os Soberanos. Pensou no seu avô, que ficaria sozinho e preocupado, sem notícias suas, mas sempre enviavam um recado para as famílias dos capturados informando que eles haviam sido selecionados para atuarem na Cidade Alta. Enfim, não sabia o que estava acontecendo e continuou sem entender depois que chegou naquela casa luxuosa e estranha.

Quando as mulheres pretas, que eram a maioria, eram capturadas, geralmente se tornariam escravas sexuais de algum Ilúmina, ou serviriam para serem expostas pelos eventos como um animal exótico. As mulheres com pele mais claras eram preferidas para a cozinha, já os homens, também poderiam servir como escravos sexuais. Além dessas funções, alguém sempre poderia criar um trabalho inusitado para um ser humano que não era considerado humano, como brincar de gladiador, ou ser esquartejado na frente de uma plateia e assim por diante.

Enquanto Amara tentava entender a sua função na casa de um dos Ilúminas mais odiosos, que era um dos donos das empresas dos Milicas, os Soberanos estavam articulando e apressando suas ações após o sequestro. Samuel, que era um menino ruão, tornou-se um homem ruão e um dos mais afoitos por uma “verdadeira revolução”, como diziam. Amara não estava lá, ele assumiu as falas e as articulações com o consentimento de todos.

A ARTICULAÇÃO

Amara passou a tarde inteira conversando com seu novo amigo Péricles, um dos brinquedos mais antigos depois da Revolução. O brinquedo havia sido projetado para entreter, auxiliar e tomar conta das crianças dos Ilúminas, por este motivo, tinha acesso a muitos dados de todos os tipos e possuíam grande acesso a dados disponíveis em vários sistemas. Fabricaram poucos exemplares dele, era um dos mais eficientes “amigos”.

Na conversa, Amara procurou saber mais sobre o funcionamento do mundo em que estava, sobre a cultura, os hábitos e o funcionamento político e das redes. Quando faltava pouco para o horário da janta, Amara disse a Péricles:

— Péricles, desconecte agora.

— Ok, desconectando.

— Você conseguiu a resposta para a pergunta que te fiz hoje?

— Os dados disponíveis do período de minha fabricação dizem que posso criar uma barreira de forma que todos os dados sejam criptografados e armazenados seguramente para dificultar o acesso de outras fontes, mas este modo não é 100% infalível.

— Obrigada, Periclizinho! Escute, quando eu disser “vamos conversar, amiguinho” você entra no modo seguro, ok? Quando eu disser “estou cansada”, pode voltar ao modo normal.

— Programado.

Neste momento, a voz da Bete chamou Amara para o jantar. Chegando à sala, viu que Mercury não estava, mas havia deixado um recado em voz que foi dito logo que a moça chegou:

— Querida Amara, ainda estou em reunião. Espero que se alimente bem e esteja mais bem disposta. Mais tarde, passarei em seu quarto para desejar-lhe boa noite.

Foi a melhor refeição que fez até aquele momento. Estava mais

A articulação

tranquila, sozinha e com esperanças. Terminou a refeição e foi com Péricles para o quarto, colocou o boneco no modo carregando e foi tomar seu super banho com essências. Vestiu uma daquelas roupas novas e cheirosas, cuidou dos cabelos, deitou-se em sua cama e disse à Bete:

- Bete, quero ver um filme antigo sobre o Brasil.
- Qual é o tema e a época do filme? Algum filme específico?
- Um filme que fale sobre as belezas do Brasil.

Ao dizer isso, imediatamente começou a passar um filme americano em preto e branco que falava sobre o Brasil, mostrando especialmente o Rio de Janeiro, as fábricas, São Paulo e a floresta Amazônica. Estava quase cochilando quando Mercury Cristo bateu na porta de modo antigo. Amara pulou da cama e disse para Bete abrir a porta. Pensou que precisava aprender como abri-la manualmente, caso a casa entrasse em pane.

- Boa noite. Você está muito linda, sua pele brilha.

Amara olhou nos olhos daquele homem e quase sentiu pena. Ele a olhava com tanta ternura, como se olhasse para uma joia rara. Aquele homem não sabia o que dizer, o que fazer, aquele homem parecia uma criança que não sabia o que era ser gente; parecia que ele precisava apenas de uma canção para ninar gente grande, mas Amara sabia demais para crer nas aparências, ou se esquecer do que as aparências podiam esconder no fundo das certezas indizíveis.

- Obrigada. Amanhã, podemos sair de casa?

Mercury fez uma cara enigmática e respondeu:

— Vamos ver. Só gostaria que você visse uma coisa: Bete, quando eu sair, toque para Amara o vídeo do Queen, *Love of my life*, no Rio.

- Sim, senhor Mercury.
- Você vai ver de onde ganhei meu nome. Tchau, boa noite.

Freddie Mercury cantou lindamente, Amara gostou.

Na manhã seguinte, Amara acordou bem cedo e foi para o quintal com Péricles. Foram para o lugar mais distante, onde supunha que os sistemas de escuta eram mais vulneráveis e disse:

- Péricles, vamos conversar, amiguinho?

O boneco entrou no modo off-line.

Amara tentou falar o mais baixo possível e espalhando menos ondas sonoras, tampando sua boca. Péricles, eu posso entrar nos sistemas do Mercury? Posso controlá-lo? Controlar a casa, os Milicas?

— É possível. O chapéu telecinético poderia ser ajustado para a sua frequência, a reconhecendo como se fosse o próprio Mercury, mas para algumas situações, pode requerer chaves de confirmação de identidade.

— Você conseguiria mudar essa frequência para que o sistema me obedecesse?

— Eu precisaria estar próximo aos sistemas de controle para realizar essa tarefa.

Amara ouviu alguns sons e disse:

— Delete essa conversa que tivemos depois de ficar off-line. Estou cansada.

O boneco ficou online de novo. Mercury apareceu sorridente no café da manhã, Amara puxou papo:

— Gostaria de conhecer as outras partes da casa... Você poderia me mostrar?

— Claro! Quais partes você gostaria de conhecer?

— Uai, tudo. Todas as salas, o seu quarto...

Mercury enrubesceu.

— Hoje vamos fazer um tour!

Amara sorria, olhava para Mercury e ele perdia sua mente e a fome. Quando terminaram, Amara disse:

— Vamos fazer o nosso tour?

Mercury levantou-se e foi guiando a jovem moça pela casa. Mostrou-lhe os locais que eram ocultos, a cozinha, as salas, os salões, e, finalmente, chegaram ao quarto. O quarto dele parecia um quarto de um adolescente, também tinha muitos androides, mas todos femininos. Havia uma tela de projeção, como a do quarto dela, um closet com roupas do dia a dia e outro com fantasias de personagens do passado e da atualidade. Em uma pequena sala, estavam os equipamentos de controle de tudo, era onde Mercury passava a maior parte do tempo. Amara sabia que ainda não era tempo de agir e disse a ele:

— O seu quarto é muito legal, depois quero voltar aqui. Você também

A articulação

tem muitas coisas interessantes.

O coração do sequestrador disparou como nunca, não sabia para o que olhar, não sabia o que fazer, queria agarrá-la naquele momento.

— Pode vir quando quiser.

— Pode ser hoje à noite? Mas eu quero trazer o meu amiguinho, sou tímida. A gente pode ver algum filme da antiguidade, ver os vídeos do seu cantor...

— Eu vou adorar!

— Bem, vou descansar um pouco. Nos falamos mais tarde?

— Não estarei no almoço, mas no jantar, sim.

— Vou ver o jardim com o Péricles.

— Que bom que você gostou dele e que ele te faz companhia.

— Sim, estou aprendendo muitas coisas com ele sobre a Cidade Alta. Até mais tarde.

Amara saiu e foi pegar o Péricles. Quando estavam novamente no suposto lugar neutro, disse:

— Vamos conversar, amiguinho!

— Ok.

— Péricles, você pode tentar enviar uma mensagem para um IP secreto?

— Se eu tiver o IP, sim.

— Ótimo! Quando você ficar online você vai enviar uma mensagem para o IP que vou lhe informar e, imediatamente, em seguida, vai apagar todos os dados, ok?

— Ok, amiga.

A GRANDE NOITE

A noite chegou, finalmente. Mercury estava ansiosíssimo, ele e Amara, mas cada um por motivos diferentes. O homem tomou o seu banho demorado, perfumou-se, vestiu-se com um terno branco por cima de uma camisa azul claro e foi para a mesa esperar por Amara. A moça também caprichou no visual: colocou um vestido vermelho deslumbrante, perfumou-se, passou batom, que era o máximo que sabia fazer de maquiagem, mas não precisava de nada além. “Vermelho é a cor da revolução”, pensou. Seus cabelos crespos esvoaçantes eram hipnóticos, lindos. A moça desceu e foi andando lentamente, pensando em mil coisas, mas tentou parecer calma. Quando chegou e viu Mercury Cristo, abriu um sorriso encantador que o desarmou completamente. O boneco se deslocava com suas patas de patins atrás dela. O que Mercury sentia, não podia descrever, nunca ficou tão próximo de uma mulher antes. Amara começou a falar:

— Você está bonito hoje!

— Que bom que achou. Que bom que você está mais feliz aqui.

— É, resolvi aproveitar a oportunidade.

Falando isso, ia beliscando alguns petiscos, que já havia começado a apreciar.

— Aqui, me fale mais sobre você, do que gosta, da sua infância.

— Eu não tenho muito que falar... Às vezes, não sei se minhas memórias são mesmo minhas, ou se foram inventadas. Não sei se o que vi, realmente vi, ou se penso ter visto na vida real, mas vi através da internet.

— Isso parece triste... Mas do que gostava quando criança?

— Como você deve ter percebido, eu gosto de coisas antigas... Gostava de jogar Zelda, de assistir a filmes muito antigos, como os do Charles Chaplin. Adoro os Beatles, Queen, Raul Seixas. Gostava também da série Star Trek, assisti a todos os episódios.

Amara só conhecia aqueles nomes das aulas sobre o passado que tinha

A grande noite

com o seu avô e através de alguns livros antigos do contrabando, mas prestou muita atenção ao que o homem dizia.

— Quantos anos você tem mesmo? Qual é o dia do seu aniversário?

— Ah, isso não é importante!

— Fala, vai! Quero saber. Aposto que você sabe tudo de mim, isso não é justo.

Mercury sabia muitas coisas sobre ela, a via através das câmeras dos milicas e das que ficavam instaladas na cidade, além de ter todos os arquivos das pessoas daquele lugar.

— Está bem, vai. Eu nasci no dia 13 de julho de 2048.

— Hum... Pouco tempo antes da Revolução.

— Não vamos falar de lembranças tristes, fale-me de você, de como era a sua vida lá.

— Você sabe de tudo, via tudo. Eu é que preciso saber de você.

— Eu vi uma cena sua, maravilhosa... foi nesse dia que comecei a te ver todos os dias em que podia. Bete, a minha cena favorita da Amara.

Nas vidraças que cercavam a frente da sala, começou a passar uma cena da vida de Amara. Era noite, havia uma fogueira no centro; as mulheres vestiam saias coloridas e rodadas com alguns lenços amarrados na cabeça. Alguns homens tocavam tambores com os sons dos antigos candomblés e umbandas. Todos entoavam os velhos cantos, rodavam, dançavam. Amara estava lá, lindíssima, como uma rainha africana. A cena era linda, todas aquelas pessoas pretas, de todas as tonalidades, algumas pardas e brancas pareciam uma coisa só, viviam uma epifania iluminados pela luz da fogueira e das estrelas. Amara assistia àquela cena com um nó na garganta, encantada e indignada, ao mesmo tempo. A cena acabou.

— Viu como estava linda? Não tinha como esquecer.

Amara sorriu o mais forçosamente possível.

— Foi bom ver o meu povo. Quem é o seu povo?

Mercury pareceu desconfortável:

— Nós, aqui, não precisamos, dessa forma, dos outros. Já temos tudo o que precisamos. Não precisamos nos envolver com os problemas dos outros, cada um cuida de si.

— Você realmente pensa assim? E pensa que não precisa de ninguém?

— Sim. Veja, temos tudo.

Amara não quis discutir, mas sabia que aquele homem não tinha nada e este era um dos motivos de ela estar naquela casa. Mudou de assunto:

— Você já teve algum animal de estimação?

— Só um, O Churros, era um gatinho. Mas ele morreu cedo, então não quis mais me apegar.

— E seus pais? Como se chamavam?

— A minha mãe se chamava Ângela e o meu pai, Roberto. Eles estavam sempre viajando para tratar de seus bens e de suas vidas e eu ficava aqui. Não fizeram falta. Mais alguma pergunta?

— Por enquanto é só, obrigada.

— Então... vamos fazer alguma coisa?

O raptor queria ir para o quarto logo, mas não sabia dizer.

— Vamos, como combinamos. Vou levar o Péricles, está bem? Para me sentir segura.

Os dois levantaram-se e foram caminhando com o boneco amigo em direção ao quarto. A porta se abriu, Mercury fez um gesto para que Amara entrasse. Sentaram-se em um sofá enorme que havia no quarto, este era bege.

— Você gostaria de ver alguma coisa especial?

Perguntou o rapaz, por educação, imaginando que Amara não teria referencias o bastante para sugerir algo.

— Você escolhe.

— Desta vez, Mercury colocou um filme americano romântico, daqueles da década de 1980 e que sempre acabavam com alguém correndo no aeroporto. O coração do rapaz disparava, ele queria tocar naquela linda moça. Amara percebeu a ansiedade do rapaz e disse:

— Vamos fazer uma brincadeira? Mas tem que obedecer.

— Que brincadeira?

— Eu vou vendiar os seus olhos para preparar uma surpresa.

Mercury desconfiou.

A grande noite

— O que foi? O que eu, uma mulher fraca, posso fazer contra você? Você comanda tudo aqui.

— O que você vai fazer?

— Essa é uma brincadeira que nós fazemos na Cidade Baixa quando gostamos de alguém e queremos que a pessoa se sinta bem. Você não sabia? Pensei que visse tudo.

— Nem tudo. Você gosta de mim?

— Você me mostrou um mundo que eu nem imaginava e quer cuidar de mim, como não vou gostar de você? É assim, eu vendo seus olhos e depois prendo você, de brincadeira, na cama. Quando eu estiver pronta, desamarro você para que me veja inteira. Qualquer coisa, se estiver desconfortável, é só dizer que eu paro e tiro você. Depois é a sua vez.

A imaginação do rapaz foi a mil, ele aceitou o jogo. Amara tirou uma espécie de echarpe que havia encontrado em seu guarda-roupas de dentro do vestido e cobriu os olhos dele.

— Você está bem? Quer parar?

— Não.

— Eu vou procurar no seu closet alguma coisa para prender você, tudo bem?

— Sim. Tem gravatas na terceira gaveta.

Amara pegou duas gravatas e um par de meias, amarrou gentilmente suas mãos na cabeceira de estilo antigo e disse:

— Bete, tocar *Love of my life*.

Bete tocou *Love of my life* enquanto os batimentos de Mercury Cristo aceleravam a cada instante. Amara deu um comando para Péricles que já haviam acordado antes:

— Péricles, vá para o meu quarto e pode fazer seu trabalho.

Péricles foi, não para o quarto, mas para a sala de controle.

— Mandou o androide embora para ficarmos mais à vontade?

— Sim.

Mercury esperava que a qualquer segundo sentiria o toque de Amara em sua pele e a veria como veio ao mundo, mas, enquanto pensava nisso, a voz de Bete disse:

— Alerta crítico, alerta crítico, tentativa de invasão do sistema, mensagens proibidas enviadas, alerta crítico!

Mercury se exaltou, tentou se desvencilhar das cordas, mas estava terrivelmente preso com os nós que Amara deu.

— Me solte, eu preciso ver o que está acontecendo, toda a segurança está em risco!

Amara se aproximou dele lentamente e enfiou as meias que estavam em suas mãos na boca do raptor. Ele movia-se, como se dissesse: “Não acredito”, mas ela o ignorou e foi até a sala de controle. Péricles tentava fazer todas as combinações possíveis com os dados que tinha coletado na internet sobre Mercury, sua família e com o que Amara havia conversado com ele naquela noite a fim de tentar entrar no sistema. Essa era a primeira etapa. A segunda, consistia na leitura de sua íris, imagem que o próprio Péricles conseguiria enviar para o sistema através de sua conexão. O próximo passo seria substituir os parâmetros mentais de Mercury para os parâmetros de Amara, que já haviam sido coletados durante a primeira sessão de cinema.

Mercury se debatia, mas era tudo em vão. Finalmente, depois de fazer milhares de combinações, Péricles conseguiu passar a primeira etapa. O boneco dirigiu-se até Mercury, já sem a venda, e “olhou” para ele na tentativa de escanear seus olhos, mas ele se debatia, Amara disse:

— Mercury, olhe para mim!

Em um segundo, quando Mercury fixou seu olhar em Amara, Péricles conseguiu ler sua íris e teve acesso ao sistema. Continuou trabalhando nos parâmetros, Amara já se preparava colocando o chapéu telecinético.

— Parâmetros modificados.

Disse Péricles. Amara sentou-se em frente à grande tela e sua mente começou a dar comandos. Ela conseguiu ver todas as cidades, concentrou-se, então, na parte em que morava da Cidade Baixa.

— Péricles, dê o comando.

Lá, na Cidade baixa, os Soberanos aguardavam ansiosamente o comando através de conexões clandestinas e, finalmente, receberam a mensagem tão esperada. Os Soberanos saíram dos seus contêineres, gritando para todos os outros que a hora havia chegado; levavam consigo todas as armas que conseguiram produzir por todos aqueles anos e todas que conseguiram contrabandear, como metralhadoras, facões, foices, paus e pedras. Quando passavam pelas ruas, gritando que era a hora da “Verdadeira Revolução”,

todos abriam as portas e se juntavam a eles. Poucos foram aqueles que se acovardaram e continuaram tentando viver a vida medíocre a que estavam acostumados, mas não se atreveram a tentar impedir. Amara via tudo pela tela, com o desejo de também estar lá. Enquanto isso, Péricles continuava a trabalhar no sistema, tentando obter controle dos Milicas de grande parte do mundo. Mercury olhava horrorizado, seus pulsos quase sangravam na tentativa de interromper toda a loucura.

Os Soberanos corriam como loucos, quando olharam para cima, os Milicas estavam vindo em sua direção, os revoltosos começaram a gritar de medo, mas Samuel disse:

— Não precisa ter medo, eles estão com a gente agora!

Alguns não acreditaram e tentaram atingir os drones, mas os drones envolveram seus braços e carregaram grande parte daqueles homens pelos céus. O voo foi desconfortável, mas foi mais rápido do que a viagem que Amara havia feito. Em pouco tempo, aquelas pessoas estariam na casa de Mercury. Amara observava tudo pela tela.

— Todos os comandos operados pelo reconhecimento do senhor Mercury e de outros membros da cercania dos Milicas agora estão sob o seu comando, minha amiga.

Disse Péricles. Como Mercury era dono da maior parte da segurança do mundo, ele tinha o poder de vincular e desvincular pessoas de todo o sistema de controle, mas, agora, quem controlava era Péricles e Amara.

Amara assistia àquele povo todo correndo, sendo trazido pelos malditos Milicas e sorria. Lembrou-se de que Mercury estava ali, desejou ouvi-lo, já que sua voz não poderia mais comandar nada. Tirou a meia de sua boca e ficou olhando fixamente para o seu rosto vermelho, quase sentiu pena novamente.

— Sua traidora! Eu deveria saber que não poderia confiar em gente como você, sua ingrata! Eu te dei tudo, te dei comida, te dei luxo, tudo, e você me traiu! Vocês não valem nada, sua gente imunda!

— O homem e sua corja haviam assassinado toda sua gente, tratado a todos como animais, roubado toda a honra e a dignidade daquelas pessoas e queria agradecimento por oferecer coisas em troca de afeto, ou seja lá do que mais fosse. Aquele ser realmente achava que era melhor por ter nascido em uma condição de poder alcançado às custas do trabalho de milhões de pessoas por séculos; ele se sentia mais digno por causa da cor da sua pele e sentia que não poderia ser usado como usava todos os outros. Aquilo precisava mudar, enquanto ainda havia gente que gostava de gente, que gostava do mundo, que sentia. A

semente do amanhã precisava ser plantada, antes que se tornasse infértil para sempre, antes que seus frutos se tornassem desconhecidos. As futuras gerações precisavam crescer acreditando nelas mesmas, nas pessoas e em uma vida em que todos pudessem viver em paz e com a dignidade, em que ninguém subisse nas costas do outro porque o outro é preto, pobre, diferente. Era essa a semente do amanhã. Amara olhou nos olhos daquele homem e disse:

— Você não me deu nada! Tudo o que eu tenho e que você nunca terá, consegui graças às pessoas dignas que me respeitaram e me ensinaram a respeitar. É disso que o mundo precisa, de respeito!

Amara voltou a olhar para a tela para acompanhar seus companheiros.

— O que você vai fazer comigo?

— Eu não farei nada. Mas não posso prometer o mesmo em relação a todas as pessoas que você ajudou a mutilar até a alma e que quase transformou em mortos caminantes.

Os sons de dezenas de drones se aproximavam. Amara olhou para Mercury e disse:

— Eu sinto muito, você poderia ter se tornado um homem se tivesse sido educado de forma a possibilitar uma formação histórico-crítica de sua consciência, mas você apenas existe e repete padrões. Ou melhor, você não existe. Desculpe, Mercury, mas você já está morto. Adeus.

Amara foi até o lado de fora receber os Soberanos. Os drones iam chegando e soltando os revoltosos que festejavam com os punhos levantados, saudando a líder Amara.

— Companheiros! A Verdadeira Revolução começa agora! Precisamos tomar o poder e extinguir tudo o que é injusto, o que nos oprimiu e que nos oprime, tudo o que destrói a humanidade! Não queremos a destruição, queremos apenas que a justiça seja feita e que haja paz para todos os seres vivos, que vivamos em harmonia, paz e respeito! A nossa luta está só começando, precisamos contactar os Soberanos de todo o mundo, precisamos tomar o poder que está nas mãos dessas pessoas que não nos consideram humanos, que mataram toda a nossa família por achar que éramos nós que estávamos gerando o caos na Terra. Não! Nós queremos viver! Nós queremos respeito! Nós queremos que nossa espécie perdure! É a partir de hoje que vamos construir um mundo de justiça!

O povo se agitou, começaram a entrar na casa e a tomar conta dos espaços. Amara abraçou seus velhos amigos dos containers e disse:

A grande noite

— Há esperança, não podemos desistir de viver. Há esperança! A vida poder ser boa!

Samuel disse:

— A vida vai ser boa! A vida é boa, se acreditamos que vale a pena!

Naquela noite, começou aqui, no Brasil, a “Verdadeira Revolução”.

Minibiografia da autora



Luciana Ferreira é graduada e mestre em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto e assistente de biblioteca no Instituto Federal de Ouro Preto. Escreve contos, crônicas e poemas em seu blog “Mulher Alienígena” desde 2007, cujos escritos originaram dois livros: “Mulher Alienígena – contos e crônicas”, publicado pela editora UFOP, e “Quarenta – crônicas de uma quarentona autista atravessando a quarentena”, pela editora IFMG.

Referências usadas no prompt para gerar imagens em IA:

Paletas de cores [Synthwave](#);

Elementos [Dark Aero](#) ;

Base para criação das imagens: Instagram [@SPcyberpunk](#) ;

Atmosfera [Airbrush Surrealism](#) e [Pulp Fantasy](#).

Lista de imagens geradas por IA:

Página 01

Fotocolagem no Adobe Photoshop com diversas imagens de IA representando os cenários do livro - como a cidade alta, cidade baixa e a mansão; os personagens (na parte inferior) Mercury (a esquerda), Amara (no meio) e Péricles (a direita); O exército de drones (no superior); Um drone raptador (centralizado).

Fonte: gerada por IA. Plataforma ChatGPT e Copilot. Em 19 de Maio de 2025.

Página 05

Exército de drones

Fonte: gerada por IA. Plataforma ChatGPT. Em 18 de maio de 2025.

Prompt: Criar imagem crie um exército de drones inspirado nessa foto de referência.

Página 06

Representação de um pôster da descrição do personagem Mercury

Fonte: gerada por IA. Plataforma ChatGPT. Em 18 de maio de 2025.

Prompt: Criar imagem Faça um pôster A4 de um homem branco, quase transparente, possível ver as veias em seu rosto, por baixo do chapéu telecinético e dos cabelos castanhos. Jovem, até bonito; um olhar enigmático, curioso e admirado. Suas roupas eram simples: camiseta azul-claro. No estilo das imagens de referência

Página 07

Amara com o vestido amarelo.

Fonte: gerada por IA. Plataforma Copilot. Em 19 de Maio de 2025.

Prompt: Faça um pôster A4 sem tipografia de uma moça negra de cabelos cacheados médios com um vestido lindo, amarelo e que combina muito bem com a sua pele preta reluzente.

Página 08

Drone Futurista em Espaço Estelar.

Fonte: gerada por IA. Plataforma ChatGPT. Em 18 de Maio de 2025.

Prompt: criar um pôster A4 sem tipografia de um drone futurista raptador de seres humanos no estilo da referência

Página 09

A personagem Bete.

Fonte: gerada por IA. Plataforma ChatGPT. Em 19 de Maio de 2025.

Prompt: criar um pôster A4 sem tipografia de um androide humanoide feminino com uma feição indiferente no estilo da referência.

Página 55

Personagem Péricles olhando para a revolução.

Fonte: gerada por IA. Plataforma Copilot. Em 18 de Maio de 2025

Prompt: criar um pôster A4 sem tipografia de um androide humanoide masculino olhando para uma revolução futurista no estilo da referência

Página 57

Retrato de Amara com a pele preta reluzente.

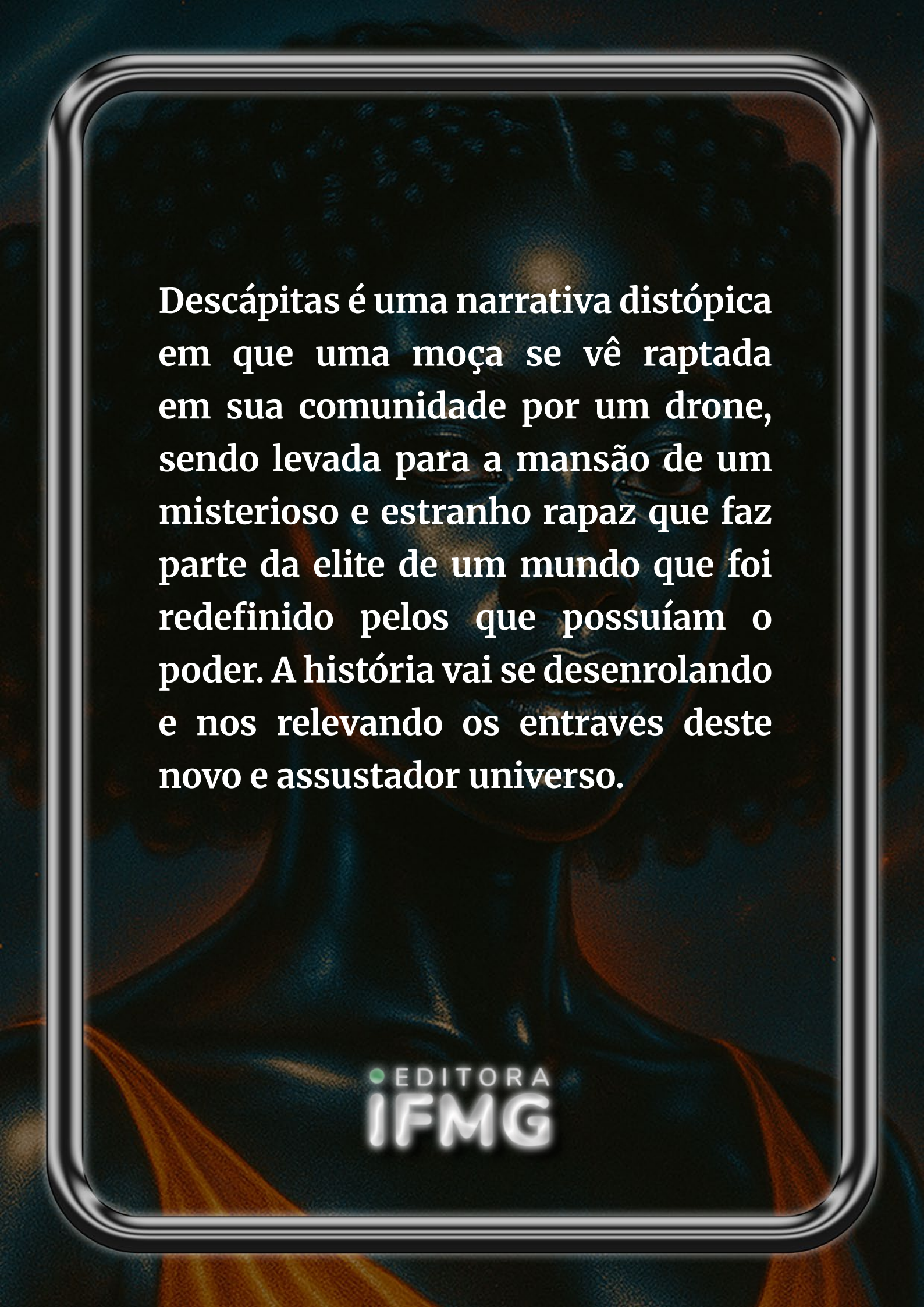
Fonte: gerada por IA. Plataforma Copilot. Em 19 de Maio de 2025.

Prompt: Faça um retrato de uma moça negra de cabelos cacheados médios com um vestido lindo, amarelo que combina muito bem com a sua pele preta reluzente no estilo da referência.



Este livro foi composto em
Merriweather, regular, 11 pt
SHADER, bold e black, 40 pt e 48 pt
SHATTER, regular, 30 pt
Teko, medium, 30 pt
Times New Roman, regular e bold, 12 pt e 16 pt

Versão digital, em acesso aberto, disponível em
<https://www.ifmg.edu.br/portal/pesquisa-e-pos-graduacao/editora-ifmg>
<https://repositorio.ifmg.edu.br/home>



Descápitás é uma narrativa distópica em que uma moça se vê raptada em sua comunidade por um drone, sendo levada para a mansão de um misterioso e estranho rapaz que faz parte da elite de um mundo que foi redefinido pelos que possuíam o poder. A história vai se desenrolando e nos relevando os entraves deste novo e assustador universo.

• EDITORA
IFMG